

LYRA

DO

TROVADOR

COLLECÇÃO

DE

Modinhas, Recitativos, Lundús, Canções, etc.

TERCEIRA EDIÇÃO

1.º e 2.º VOLUMES



Rio de Janeiro

NA LIVRARIA DE J. G. DE AZEVEDO, EDITOR.

33 — Rua da Uruguanana — 33

1896

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado

sob número

3147 B

do ano de

1974

LYRA

DO

TROVADOR

COLLECÇÃO

DE

Modinhas, Recitativos, Lundús, Canções, etc.

TERCEIRA EDIÇÃO

1.º e 2.º VOLUMES



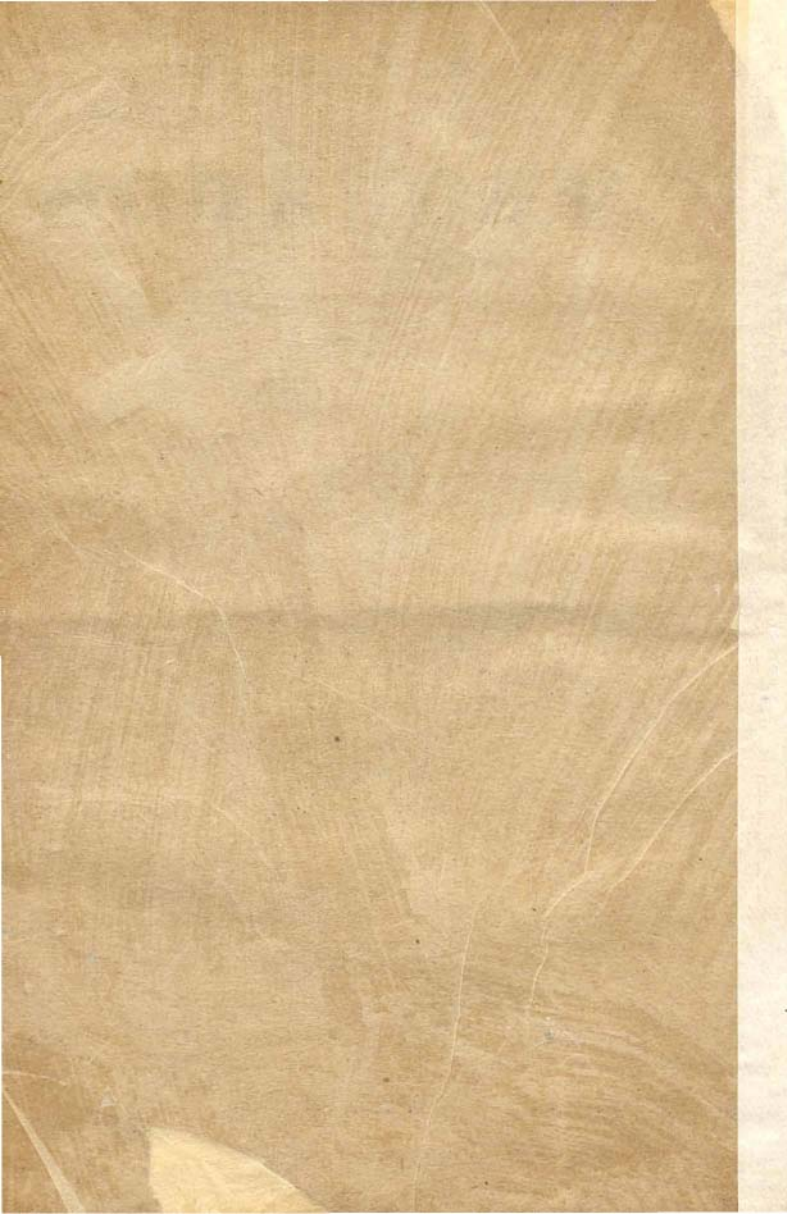
0869.1008
L992
T
3.ED.

Rio de Janeiro

NA LIVRARIA DE J. G. DE AZEVEDO, EDITOR

33 — Rua da Uruguayana — 33

1896



MODINHAS

Um terno sorriso

Um terno sorriso
De amor e saudade
Ainda te offerta
Quem tem-te amizade.

Que dores, que angustias,
Que pranto exaurido;
São lagrimas tristes
Que verto sentido.

Lá quando nos astros
O sol vem raiando,
Desperto no leito
Teu nome chamando.

Que dores, que angustias, etc.

De todo o passado
Me vem a lembrança,
Contemplo esta sorte
Me resta a esperança

Que dores, que angustias, etc.

Meu anjo do céu
Attende a clemencia,
Ouvi minha voz
Findai-me a existencia.

Que dores, que angustias, etc.



O canto do cysne

POESIA DO FALLECIDO DR. LAURINDO

Quando eu morrer, não chorem a minha morte
Entreguem o meu corpo a sepultura
Pobre, sem pompa ; seja-lhe a mortalha
Os andrajos que me deu a desventura.

Não se insulte o sepulchro, apresentando
Um rico funeral de aspecto nobre,
Como agora a zombar me dizem vivo
Podem morto dizer-me : ahí vai um pobre.

Dos amigos hypoeritas não quero
Publicas provas de affeição fingida ;
Deixem-me morto só, como deixaram-me
Lutar só contra a sorte toda a vida.

Outros prantos não quero que não sejam
Esse pranto de fél amargurado
De minha companheira de infortunio
Que me adora apesar de desgraçado.

O pranto, assucena de minh'alma
Do coração sincero, d'alma sã,
De um anjo que tambem sente os meus males,
De uma virgem que adoro como irmã.

Tenho um jovem amigo, tambem quero
Que junte em minha eça os prantos seus
Aos de um pobre ancião, que perfilhou-me
Quando a filha entregou-me aos pés de Deus.

Dos meus todos, eu sei que terei preces,
Saudades e lagrimas tambem,
Que não tenho lembrança de offendel-os,
E sei quanta amizade elles me têm.

E tranquillo meu Deus a vós me entrego
Peccados de mil culpas carregado ;
Mas os prantos do meu perdão vos pedem
E o muito que tambem tenho chorado.

A despedida

POÉSIA DO FALLECIDO DR. LAURINDO

Adeus, adeus, é chegada
A' hora da despedida.
Vou, que importa, se te deixo
Neste adeus a minha vida.

Foste ingrata aos meus extremos,
Não te peço gratidão ;
Perdão para os meus carinhos,
Aos meus amores, perdão.

Eu era um ente na terra,
Tu eras um cherubim ;
Deus tirou-te dos seus anjos,
Não nascestes para mim.

Perdóá a meus amores.
Esta estulta elevação ;
Perdão para os meus carinhos.
Aos meus amores perdão.

O crime que commetti
Foi muito punido já ;
Castigou-me o teu desprezo
Maior castigo não ha.

Castigado reconheço
Quanto é justa a punição ;
Perdão para os meus carinhos,
Aos meus amores, perdão.

Pouca vida já me resta ;
Eu sinto que esta amargura
Tão intensa—muito cedo.
Ha de abrir-me a sepultura.

Do crime que fiz de amar-te,
Vem dar-me absolvição ;
Perdão para os meus carinhos,
Aos meus amores perdão.

Um mysterio

POESIA DE ALBANO CORDEIRO

Em noite medonha,
Que os raios cruzavam,
Que os ventos lutavam
Co'as ondas do mar ;

Meu peito saudoso
Co'um rosto formoso
Buscava sonhar.

A lua tranquilla,
Das ondas se erguendo,
E os raios detendo
C'um meigo volver ;

Calmou da tormenta
A furia cruenta,
Mas fez-me gemer !

Senti na bonança
Cruel desventura,
Provei a amargura,
Que amor recordei ;
Mas foi por aquella,
Que outr'ora tão bella
Gostosa adorei.


A lua piedosa,
A face cobrindo,
Ao céu foi subindo
Com doce langor ;
E o céu puro e santo
Juntou-se a meu pranto
Calmou minha dôr.

Riso e morte

Quando eu deixar de chorar
Quando eu contente me rir,
Não se enganem — desconfiem
Que não tardo a succumbir.

Quando a alma ao infortunio
Assim ligado se tem,
Como termo da desgraça
A morte não longe vem.

Eu vim ao mundo chorando,
E' chorar o meu viver,
Quando deixar de chorar
Estou prestes a morrer.



Vem oh! morte — de meu pranto
Não receis poder vir,
Choro nos braços da vida,
Nos teus braços me hei de rir.

Muitas vezes um prazer
Que parece de ventura,
Não é mais que um riso d'alma
Vendo perto a sepultura.

O feliz ri-se na vida,
Por ver nella o seu jardim ;
O desgraçado na morte,
Por ver da desgraça o fim.

Nas horas longas

Nas horas longas d'uma tarde amena
Minha'alma pena por fatal tributo ;
E tantas magoas que meu peito encerra,
Ninguem na terra me prantêa o luto.

Perdi a infancia e com ella a crença
Na luta immensa d'um soffrer de horror ;
E pouco a pouco vou perdendo a vida
Triste abatida qual a murcha flôr.

E tantas glorias que eu sonhei criança,
Tanta esperança que occultei nest'alma ;
Hoje nem sonhos de illusões de amor ;
Nem murcha flôr de singela palma.

Oh! Deus eterno e eu vivo ainda,
Vergonha infinda para um pai trahido ;
Vergonha, opprobrio de d'um viver impuro,
Negro futuro d'um pensar perdido.

Para que vivo ? para ver-te um dia
Pallida e fria me estendendo a mão,
Curtindo a dôr que as entranhas corta,
De porta em porta mendigando o pão.

Neste silencio que a noite encobre,
Tranquillo dorme quem me fez peñar ;
E' esse o monstro seductor vaidoso
Que vida e gôzo quiz de mim roubar.

Depois a campa e o esquecimento,
Nem um lamento sobre o leito eterno ;
Nem um suspiro, nem uma oração,
Oh ! maldição ! maldição do inferno !

Grato mysterio

Grato mysterio
Que est'alma sente,
Vida de amores
Que a ti me prende
Si os meus prazeres
Não desfalecem,
Os meus gemidos
Não immudecem.
Se dos jardins
Vejo o primor,
Tu és das flores
A melhor flor

Se os astros vejo
No teu semblante,
Lançam teus olhos
Luz mais brilhante.

Esgota o mundo
Os dotes seus,
Todos — no dia
Dos annos teus.

Não queima o frio,
O sol não arde,
E' pomo d'ouro
Nas mãos da tarde.

Oh ! nympha bella
Em toda a éra,
Sejam teus dias
De primavéra.

Um anjo sejas
Pela ventura,
Como és um anjo
De formosura.

Se eu fôra poeta

Se eu fôra poeta
Soubesse trovar,
As minhas canções
Te havia offertar
Com tanto que tu
Soubesses me amar.

Se eu fôra uma pomba
Pudesse voar,
Em teu lindo collo
Quizera pousar
Com tanto que tu
Soubesses me amar.

Se eu fôra sereno
De noite ao luar,
Os teus lindos labios
Quizera orvalhar.
Com tanto que tu
Soubesses me amar.

Se eu fôra estrella
No céo a brilhar,
Tua linda fronte
Iria adornar.
Com tanto que tu
Soubesses me amar.

Se Diana eu fôra
Quizera caçar
As mais lindas aves
Para te offertar.
Com tanto que tu
Soubesses me amar

Mas se nada eu sou
Como te offertar,
Tão lindas cousinhas
Para te agradar?
Com tanto que tu
Soubesses me amar.

Anjo de amor

Quando teus labios desprendem
Terno riso encantador,
Sinto quão doce é-me a vida,
N'um teu riso, anjo de amor.

Sem ti são tristes meus dias
Duro e penoso viver;
Junto a ti, preso em teus braços
Gozar quero até morrer.

E' meu destino adorar-te
Embora sejas perjura;
O meu amor não esmaga
A pedra da sepultura.

Os laços com que me prendes
Ainda mais quero apertar,
Não é crime, antes virtude
Firme sempre te adorar.

Póde o gelo do sepulchro
Tirar-me da vida o calor;
Mas d'um peito firme amante
Apagar não póde o amor.

Venha a morte embora um dia
Sobre mim seu furor, farte,
Morto, extincto, em meu sepulchro
Este peito ainda ha de amar-te.

O gigante de pedra

Lá n'aquelle gigante de pedra
Que se diz Corcovado chamar,
Quero dar expansão a meu canto
Quero só minhas magoas chorar.

Lá mesmo irei esquecer
A' quem tanto me odeia e maltrata,
A donzella que assim me despreza
E a mulher que sorrindo me mata.

Meus suspiros envoltos com as nuvens
Subirão a etherea mansão,
Já no mundo não ha um vivente
Que console este meu coração.

Deixarei miuha pobre choupana
A um amigo extremoso o meu lar
Maldizendo do mundo e das cousas
Irei minha existencia findar.

Estribilho

Quando a lua vier a meia noite
Do gigante a face beijar
Compassiva de ouvir minhas queixas
Lenitivo a meu pranto ha de dar.

Era outr'ora a minha vida

Era outr'ora a minha vida
Vida inteira que eu gozava;
Era o fresco albor da aurora
Que no horizonte despontava.

Minha vida hoje se aparta
Da vereda da paixão;
Que nos mostra um só abysmo,
Que nos queima qual volcão.

Que vida goza quem vive
Sem ser de amor dominado;
E' feliz porque não traz
Alma e peito apaixonado.

Vive então como no céo
Os anjos, que, junto a Deus;
Quem não soffre como eu soffro
Os tristes gemidos meus.

Como gemidos que sahem
De dentro do peito meu,
Como um triste, que não acha
Lenitivo ao pranto seu.

Perde a rosa o seu alento,
Tambem perde o seu candor;
Das flores a mais querida
Que se dá ao terno amor.

Qual Veneza que se banha
No Adriatico gentil;
E' cidade da montanha
E' princeza do Brazil.

Vinde oh ! meu Deus dar allivio
A meu triste coração;
O teu sim—a minha vida
A minha morte o teu não.

Qual bate em duro rochedo

Qual bate em duro rochedo
Onde a vaga sem effeito,
Assim meus ternos suspiros
Batem de encontro a teu peito.

Mas, bella marcia,
Tanta dureza,
Torna horrorosa
Tua belleza.

Embora, cruel, não queiras
Meus gemidos escutar,
Hei de amar-te enquanto vivo,
Morrendo hei de te amar.

Mas, bella marcia,
Tanta dureza,
Torna horrorosa
Tua belleza.

Quaes os meus ternos suspiros
Batem em teu peito em vão,
Aceita os crueis desprezos
Vindos do meu coração.

Mas, bella marcia,
Tanta dureza,
Torna horrorosa
Tua belleza.

O descrido

Que me importa prazeres da terra,
D'esses raios o louco furor;
Que me importa o rugir da tormenta,
D'essas vagas faiscas de horror.

Que m'importa que o mundo se acabe,
Que na terra só eu fique rei;
Que m'importa, se o mundo eu detesto,
Se desprezo e rancor lhe votei.

Venha embora corisco e raios,
Roubar doce esperança de amor:
Que este peito de marmore e gelo
Só tem fé no tormento e na dor.

Tive fé, muita fé, n'esta vida,
Crenças mil n'este meu coração;
Mas qu'importa se seccas, myrradas,
Eil-as todas perdidas no chão.

Já não tenho uma esp'rança n'est'alma
Que o cynismo varou-me de fel;
Além sim que só podem caveiras,
N'esta fronte cingir um laurel.

Eia, avante, meu peito eia avante,
Solta um brado de terno estampido;
Que soando, soando nos ares,
Là repita brandando—descrido.

Uma ingrata, uma inconstante

Uma ingrata, uma inconstante,
Que eu amei mais do que a mim,
Unio o ciúme á saudade
Para meus dias dar fim.

Já que não posso
Nunca esquecer-a,
Mesmo trahido
Desejo vel-a.

Cruel destino,
Céus compaixão,
Para um desgraçado
Morte ou perdão.

Por amar sómente a ella
Infeliz ao mundo vim,
Ao mundo veio a tyranna
Para meus dias dar fim.

Já que não posso, etc.

Anjo na voz e na apparencia,
Qu'a julgava assim,
Fas ella tornou-se féra
Para meus dias dar fim.

E que não seja
Meu peito igual,
Ainda suspira
Por monstro tal.

Porque oh! morte cruel

Porque oh! morte cruel
Minha alegria roubastes,
Porque do filho que amava
Os tenros dias cortastes ?

Sua innocencia
Não te moveu ?
Como é féro
O fado meu.

Ai de mim

POESIA DE INNOCENCIO REGO

Gemendo em vão minha dôr,
Mil suspiros vou soltar ;
Consumo assim minha vida
Triste pranto a derramar !
Ai de mim ! eis meu viver,
Suspirar até morrer.

Aquella que eu tanto adoro
Menospreza o meu amor,
Deixa-me assim ir penando
Soffrendo cruenta dôr !
Ai de mim ! eis meu viver,
Suspirar até morrer.

Victima da desventura
Soffrerei a minha sorte,
Deixarei de padecer
Quando emfim vier a morte !
Ai de mim ! eis meu viver,
Suspirar até morrer.

Solidão

MODINHA

Para ser cantada com a musica da modinha — Quando eu morrer
ninguem chore a minha morte

E' triste a solidão como nas matas
Da casta pomba o solitario arrulho ;
Como do céo as rotas cataratas
Ao som do mar em horrido marulho.

Sentado como em face de agonias
Tenho minh'alma a desfolhar lembranças ;
Não sei que sorte vem coar meus dias
Por tantas dôres e por taes provanças.

Mãi da tristeza, socia das insomnias
Noite e dia me segue a solidão ;
E em suas difficeis acremonias
Me cança o peito e azeda o coração.

Aqui de imagens bellas se povoa
Alli de faxas negras se atavia
E em vozes sepulchraes pavida echoa
Como assopros do vento em noite fria.

Se as portas matutinas vão se abrindo
A roxa aurora no horizonte em fego ;
Quem velou no silencio, a sós sorrindo
Vai recebê-lo ao nascimento logo.

Mas o silencio, e a solidão que dura
Vem sempre o riso suspender-lhe em meio ;
E o dia é triste como a noite escura
Mesmo das rosas matinaes no seio.

O vôo altivo d'aguia, e icareas azas,
Quizera eu ter para transpor espaços ;
Porque este peito que me arde em brazas
Fôra acalmado nos paternos braços.

A. C. Q. PEÇANHA.

A flor perdida

POESIA DE ELOY DA SILVA PASSOS

Como pôde a flor viver
Sem orvalho que alimente ?
Quando as flores já perdidas
Vão murchando tristemente.

Essa flor que de tão bella
Seu perfume embriagou-me,
Nem sequer das folhas tem
A lembrança que entregou-me.

Ah ! mas na lembrança já tive
Esse perfume de amor.
Hoje perdida de todo
Coitada morreu de dor.

Quando o sol bem aquecido
Vem queimar essa flor,
Reguei-a enfim com meu pranto
Triste lembrança de amor.

Eis ahi como na terra
Tudo vem a definhar.
Só não definha a lembrança
Daquelle que sabe amar.

E' tão formosa Marilia Bella

E' tão formosa
Marilia bella,
Qu'eu de continuo
Morro por ella.

Apenas vi
O seu semblante,
Tornei-me outro
No mesmo instante.

No seu semblante
De fina côr,
Diviso abertas,
Rosas d'amor.

Se me concedes
Um terno beijo,
Do céu, da terra
Nada desejo.

Morena bella
Por piedade,
Guardai firme
Nossa amisade.

Confusa fica
Os olhos volve,
Levanta a voz
E assim resolve

Vivamos juntos
Em doces laços,
Depois me aperta
Entre teus braços

Então lhe digo
Bella pastora,
Tu és mais linda
Que a própria aurora.

Suspira a bella
E emmudece
Volve os olhos
E de fallece.

Vejam amantes
Que sensação
Não sentiria
Meu coração.

O anjo da harmonia

POESIA DE GONÇALVES DIAS

Revela tanto amor, tão branda sóa
A tua doce voz canora e pura,
Que o homem de a escutar sente no peito
Infiltrar-lhe um raio de ventura.

Solta-se a alma das prisões terrenas
O mundo, a vida, o soffrimento esquece,
Embalada n'um ether deleitoso,
Como Alcion nas aguas adormece !

De noite a placidez é menos grata
A quem sosinho e taciturno vela,
Quando, perdido n'outros mundos nota
A meiga luz de fugitiva estrella.

Das aves o cantar é menos fresco,
E' menos triste a fonte que serpêa,
Menos queixoso o mar que enternecido
Beija na praia a scintillante arêa.

Vagas na terra suspiroso archanjo ;
Derramando torrentes de harmonia,
Sobre as chagas mortaes—balsamo santo
Que as mais profundas magoas allivia.

Vagas na terra merencoria e bella ;
Mas quando deste mundo ao céo tornares,
Juntarás teus ternissimos accentos
Aos puros sons dos mysticos altares.

E-os anjos na mansão das harmonias,
Encostados ás harpas diamantinas,
Folgarão de te ouvir celestes carmes
Deduzidos em notas peregrinas.

E dirão :— Nunca as plagas do infinito
Subio mais terna voz, mais fresca e pura,
Se o corpo é da mulher, sua alma e vaso,
Onde o incenso de Deus se afina e apura.

Sonhei que mil flores

Sonhei que mil flores
N'um prado colhia,
E sobre o teu collo,
Armania, espargia.

Que fina grinalda
Então te offertava,
Que beijos sem conta
A furto te dava...

Sonhei que constante
Juravas de ser-me :
Emquanto da vida
O sopro aquecer-me.

Então minh'Armania
Feliz me julgava,
Em ver a meu lado
Aquella que amava.

Mas tanta aventura
Tornou-se illusoria,
E d'ella conservo
Apenas a memoria.

Capellas e flores,
Prados e jura,
Foi sonho enganoso
Foi tudo amargura!

Assim, minh'Armania,
Vou triste passando,
Em sonhos sómente
Venturas gozando...

Até que um dia
Feliz e ditoso,
Me torne contigo
Assaz venturoso!...

Vem donzella na hora extrema

NOVA MODINHA

Vem donzella na hora extrema,
Cinge ao meu teu casto seio,
E corando em mago enleio,
Vem dizer-me um triste adeos.

Adeos rosa d'innocencia,
O' virgem dos songos meus!

N'um sorriso teu divino
Unge o raio de esperança
E qual astro de bonança
A minha noite illumina.

Adeos lyrio de candura,
Adeos fada peregrina.

Dá-me um só beijo... com elle
Metiga da ausencia as dores ;
E beni como a aurora as flores
Me orvalha o sonho amoroso.

Adeos flor, celeste virgem
Minha fada, anjo formoso.

Lembranças da patria

La quando a noite já se aproxima
Do manto envolto de negra côr,
Por entre nuvens surgindo a lua
Ao pensamento no traz amor.

Então quizera sulcando os mares
Ir ver a patria, meu doce encanto,
Sentir minh'alma gozar venturas,
Ir ver esse anjo, que adoro tanto.

Lá quando a noite d'almo luar
Ouço na rocha o mar bater,
E quando a lua já vai bem longe
Harpas sonoras ouço tanger.

Crueis saudades então eu sinto
D'esse meu anjo que adoro tanto ;
Sentir minh'alma gozar venturas,
Ir ver a patria, meu doce encanto.

Aqui eu vejo tambem bellezas,
Virgens amaveis de meigo olhar ;
Vejo florestas sempre virentes,
Que aos céos parecem que vão chegar.

Mas ah ! que tudo vem me recordar
Esse meu anjo que adoro tanto ;
Sentir minh'alma gozar venturas,
Ir ver a patria meu doce encanto.

A Estrella

NOVA MODINHA

Para ser cantada na musica da modinha — Acorda minha querida

Vem vêr oh ! virgem formosa
Lá no céu brilhante estrella,
Como se mostra garbosa
Rutilante, pura e bella.

Contempla virgem o astro
Pousado no firmamento,
Esquece do mundo as dôres
Põe nelle o teu pensamento.

E's donzella, e no teu peito
Tens sensível coração,
Nem sequer pensas que o mundo
E' morada da — illusão !

Te conserva sempre pura,
Faceira, galante e bella.
Segue o exemplo menina
Daquella brilhante estrella.

Eu amo as flôres

Eu amo as flôres que mudamente
Paixões explicam, que o peito sente ;
Amo a saudade, o amor perfeito,
Mas o suspiro trago no peito.

A fôrma esbelta termina em ponta
Como uma lança que ao céu remonta ;
Assim minh'alma, suspiros geras.
Que ferir podem as mesmas feras.

Alta noite

Alta noite, tudo dorme
Tudo é silencio na terra
Nem sequer nos ares erra
Negro mocho gemedor ;
Oh ! que horas tão propicias
Para quem morre de amor.

Já se abre a gelosia
De seu bem caro, adorado,
Ancioso o — prazo dado
Espera o seu amador ;
Vem saudosa e grata amante
Que por ti suspira amor !

Leonor, meu doce anjo
Vem, que bate a hora primeira,
Vem pela vez derradeira
Abraçar o teu cantor !
Nos teus braços ache a vida
Quem por ti morre de amor.

Só por ti affronto a sorte
Que a vida de ti amada
A cruel golpe de espada
Vou por ti contente expôr,
Oh ! por mim seja o triumpho,
Que por ti é meu amor.

A gelosia se abre
E' hora da despedida,
Pudesse aqui minha vida
Findar da saudade a dôr
Vem saudosa e grata amante
Tua porta abrir a amor.

Eu vi teu rosto

Eu vi teu rosto
Que indicava,
Seres sensível
A quem te amava.

Logo em te amar
Então pensei,
E fido amor
Te consagrei.

Quando minh'alma
Em ti pensava,
Em mil delicias
Se mergulhava.

Agora vejo
Que a natureza,
Não te deu mais
Do que belleza.

N'esses teus labios
D'alma e ternura,
Vi no teu riso
Rir-se a ventura.

Quanto enganei-me
Que o riso então,
Da falsidade
Era a expressão.

A mão tomei-te
Corou-te o pejo,
Voltaste a face
Furtei-te um beijo.

O doce nectar
Que então bebi,
Que era veneno
Depois senti.

Magica rosa
Nos teus carinhos,
Só vi as côres
Nunca os espinhos.

Fórma e perfume
Foi illusão,
Trago os espinhos
No coração.

Mesmo na terra
Julguei eu vel-a,
Astro divino,
A minha estrella.

Fallar no brilho,
Na claridade,
Marcava um ponto
De tempestade.

N'um olhar puro
Relanpejante,
O céo mostrou-me
Por um instante.

A visão teve
Cruel desmaio,
Foi-se o relampago
Ferio-me o raio.

Acorda minha querida

Acorda, minha querida
Acorda, fuge do leito,
Vem ouvir a voz do peito
Do teu triste trovador.

Oh! céos que silencio,
Que dôr, que penar,
Que grato luar
Que noite de amor!

Vem vêr Diana formosa
Dos amantes protectora,
Vem abraçar como outr'ora
Teu constante trovador.

Oh! céos que silencio, etc.

Troca o sonho que illude
Pela verdade ditosa,
Vem consolar amorosa
Teu saudoso trovador.

Oh ! céos que silencio, etc.

N'este sitio onde ditoso
Já gozei o teu carinho,
Não deixes gemer sozinho
Teu amante trovador.

Oh ! céos que silencio, etc.

Mas ah ! de balde te chamo...
Só me escuta a natureza,
Já do somno és feliz presa,
Não ouves teu trovador.

Oh ! céos que silencio, etc.

Bella lua além fulgura,
Em mimoso céu de anil,
Mas aqui nem um ceítal
Allumia o trovador.

Oh ! céos que silencio, etc.

Acorda virgem formosa
D'esse teu meigo dormir,
Vem escutar o carpir
Do teu triste trovador.

Oh ! céos que silencio, etc.

Quizera ter harpa

MODINHA BAHIANA

Quizera ter harpa,
Dos céos afinada,
Que meiga vibrasse
Canções de harmonia ;
Nas azas do genio
Aos astros voando,
Que trovas tão bellas.
Por ti eu faria !

Então eu cantara,
Mulher de meus sonhos,
Com doce magiã,
Com doce primor ;
Seriam meus carmes
D'amor repassados,
Qual hymno de virgens
Louvando ao Senhor.

Estrilho

Mas já que só nutro desejos ardentes
Que nascem, que morrem, no meu coração !
Debalde quizera meu arjo cantar-te,
Não tenho na terra tão mago condão.

Mas já que não posso offertar-te uma trova
Singela e mais pura de meiga expressão,
Em campo de fogo teu rosto adorado
Conservo guardado no meu coração.

Caso de amor tão fingido

Caso de amor tão fingido
O que fiz hoje não faço
Eu por ti já dei a vida
Hoje não dou nem um passo.

Basta oh ! cruel, já não posso
Soffrer da sorte o rigor,
Pois não vês que por ti padeço
Lembranças do nosso amor.

Se fazes gosto em deixar-me
Ninguem te priva, oh ! cruel,
Mas ao menos saiba o mundo
Que te fui sempre fiel.

Basta oh ! cruel já não posso, etc.

Um pensamento de morte,
Uma lembrança de amor,
Uma esperança perdida
Eis o que faz minha dôr.

Basta oh ! cruel já não posso, etc.

Vem o Lilia, vem chorosa,
Em meus braços reclinar-te,
Vem ouvir ternos queixumes
Quero tudo relatar-te.

Basta oh ! cruel já não posso, etc.

Vês cruel, quanto padeço,
Vê também qual é meu fado,
Vê que na vida de amores
Quem ama quer ser amado.

O teu olhar

MODINHA BAHIANA

O Teu olhar fascinante,
Captivou o peito meu ;
E' rara a linda pintura
Que Deus sómente te deu.

Te adoro como na terra
Não ha quem possa adorar
Armia, dai-me esperança
De eu um dia te gosar.

Estrilho

Cruel paixão
Me predomina ;
Ser infeliz
E' minha sina,
Tem compaixão,
Querida Armia,
De quem te ama
Por sympathia.

A mulher

A' mulher, esse dragão da humanidade
Que a obra mais perfeita maculou,
Não é dado do crime abstrahir-se,
Pois ferrete fatal a indigitou.

O bondoso e incauto homem
Vai a mulher agradecer,
Mas a cruel, fementida
Duro fel lhe faz tragar.

A mulher quando ostenta seus carinhos
E' p'ra o homem arrojara á negra dôr.
E elle tão benigno, tão improvido,
Cada vez lhe consagra mais amor.

O bondoso e incauto homem, etc.

A mulher quando diz amar o homem
E com o fim de executar a falsidade,
E se disso se preserva algumas vezes,
Não é por lhe ter grande amisade.

O bondoso e incauto homem, etc.

A mulher tem o attributo da maldade
Que muitas vezes se divisa em seu semblante,
E sempre procurando o atroz embuste
Vai alfim apunhalar o peito amante !!

O bondoso e incauto homem, etc.

A mulher sempre tem em sua mente
O desejo do artificio e da illusão,
Ella vai atraiçoar o incauto homem
Quando mesmo lhe offerece a sua mão !!....

O bondoso incauto homem, etc.

A mulher inda dotada de bondade
Sempre tem o character de perjura.
E' condição da qual uunca se afasta
Se não quando intervem a parca dura !!...

O bondoso e incauto homem, etc.

Como a rosa amor dura um só dia

MUSICA DE RAPHAEL COELHO

Como a rosa amor dura um só dia,
Ninguem creia nos votos d'amor,
Sois mimosa, do cume da gloria
Precipita no abysmo da dôr.

Só contigo, no peito e na mente
E's meu bem, tu meu Deus cá na terra,
E' por ti que meu peito palpita
E' em ti que o mundo se encerra.

Insensato é o homem que pensa,
Gozar vida sem ter dissabor,
Terno amor que ao prazer nos conduz :
Nos arroja no abysmo da dor.

Já no mundo gozei mil venturas,
Fui feliz, fui ditoso em amor,
Hoje vivo de todo esquecido
Sepultado no abysmo da dor.

Insensato é o joven que pensa,
Ter amantes com ingratidões
Entre amor não ha tyrannia
Que escravisa nossos corações.

Já no mundo gozei de venturas,
Fui feliz, fui ditoso em amor,
Hoje vivo de todo esquecido
Sepultado no abysmo da dor.

Despeito

Eu tambem sonhei venturas,
Eu tambem tive illusão,
Amores dentro do peito,
Prazeres no coração.

Mas hoje apenas me resta
Tristes ais soltos em vão.

Na rocha da desventura
Minha illusão se findou
Quanto amei, hoje detesto,
A mulher que me enganou.

Detesto a vida que ella
Para sempre envenenou.

Viva embora feliz
Essa mulher que adorei
Seja-lhe o canto do mundo
O amor que lhe jurei.

Seja-lhe só a lembrança
Os beijos que nella dei.

Do inferno mão abrasada
Mil insultos violentos
Imprimam n'aquellas faces,
N'aquelles labios cruentos.

Que cuspidos — não beijados
Não fariam meus tormentos.

RECITATIVOS

Teu doce amor

BETHENCOURT DA SILVA

Da luz sublime que te inunda os olhos
Vem dar-me um raio de eternal fulgor ;
E no meu peito a suspirar amante
Dá-me as delicias do teu doce amor.

Quero-te muito, matutina estrella,
Celeste musa, peregrina flôr,
Por ti velando, suspirei saudoso,
Chorando a falta do teu doce amor.

As auras brandas do correr da tarde,
O ether puro de azulada côr,
Não têm perfumes como tens nos labios,
Nos ternos beijos do teu doce amor.

O céo e os astros, a prateada lua,
O fogo ethereo que nos dá calor,
Não tem imperio no meu ser inteiro
Como os perfumes do teu doce amor.

Não era um sonho que eu guardava n'alma
Nas vivas chammas de um sentido ardor,
Eram as rosas de um affecto immenso,
Eram saudades do teu doce amor.

Mas hoje sinto que acordei de novo,
Que ás faces volta o juvenil rubor,
Nova existencia no teu seio encontro
Nos teus afagos, no teu doce amor.

A transviada

Trajando galas nos encantos bella,
Caminha ella sem saudar-lhe alguém,
Passeia em carros, no theatro ostenta
Tudo que inventa que lhe fique bem !

Porém qual flôr que no calor da festa
As petalas cresta, para depois murchar ;
Ou mariposa que no voar s'inflamma
Em torno á chamma que a vai queimar.

Assim foi ella ; essa vil mundana,
Na orgia insana, se atirou perdeu !...
Foi mariposa que queimando as azas
Do ardor das brazas nunca mais se ergueu.

E essa infame, despresando o esposo,
Que eterno gozo lhe faria ter !
Prestes se atira—que fatal loucura,
Na vida impura que lhe dá prazer.

Amou-a elle, como amar no mundo
Jámais profundo, pôde amar alguém !
D'amor tão puro deslumbrou-se a ingrata
Que o affecto o mata, no alcance—além !

Tudo mais nobre que sentio no peito
Lá jaz desfeito pelo atroz afan,
Matou-lhe as crenças infernaes orgias,
Noites sombrias que não têm manhã !

Hoje apontada pelo audaz cynismo,
Mede o abysmo, quer fugir-lhe em vão ;
Que a turba aponta-lhe uma bolsa infame
E em face brame—já não ha perdão !

Marcou-a o mundo com fatal sinete !
Esse ferrete que tão negro é ! . . .
E em represalia, a mulher perdida
Vive uma vida, sem moral, sem fé !!

Mal diz o mundo, que a soffrê ainda !
Se é bella ou linda, tem vassallos seus !
Mas não se lembra, desgraçada errante,
Da fulminante maldição de Deus !

Qual aguia altiva de voar cançada
Mais apressada na descida vai ;
Assim aquella que perdeu a calma
Corpo sem alma—na miseria cai !

Mulher perdida, de que te servem galas,
Ou meigas fallas, que fingidas são ?
Se n'esses olhos, em que affectas calma
Lê-se a tu'alma, que só diz—traição !!

Que valem sedas, deslumbrantes modas,
Marcadas todas com tão vil moeda ?
Vendes o corpo para comprar enfeites,
Gozar deleites que a moral te véda !

Desenfreada nas paixões insanas
A's vis mundanas atirar-se vão ;
Todo o seu ouro gasta em coquette
E na velhice, nem sequer p'ra pão !...

Altivos paços, habitar pretendem,
Ellas que vendem seu fingido amor,
Rubras se mostram, virginaes fugaces,
Mas n'essas faces, já não ha pudor!

Cynicas vivem, na miseria morrem !
Nem as soccorre bemfazeja mão !...
Bem penitentes ao sepulchro baixam
E lá nem acham uma cruz no chão !

O sonho no cemiterio

Bramia o vento na folhagem verde
Do arvoredado que existia ahi ;
E as chammas vivas que do chão saham,
Quaes pyrilampos, divagarem vi.

Funereo canto de agoureiro mocho,
N'esse momento pareceu-me ouvir :
E o campanario, meia noite dando
Horrorisou-me, que tentei fugir !

D'ahi ha pouco que pavor sombrio,
Tudo era quedo, merencorico e triste ;
Seguindo a custo repeti comigo :
—A paz dos mortos na mudez, consiste.

Ainda em susto caminhava tremulo,
Eis surgem chammassas que meus olhos cegam ;
Faltam-me as forças e cahindo exhausto,
N'uma caveira minhas mãos se apegam !

Ouçõ um gemido que sahio de um tumulto,
Mais tarde um pouco repetir-se ouvi ;
Eis de repente vi surgir da campa,
Fantasma horrendo que bradou — fugi !...

Então o medo vigorou-me os passos,
Fugi tremendo d'esse asylo horrendo,
E quantas vezes tropeçando em craneos
Sobre as ossadas bñqueei gemendo.

Tentei erguer-me, foi baldado o intento ;
Força invencivel me retinha abi...
Nãõ eram ossos, nem funereo leito.
Era um cadaver... que pavor senti !

Pallida e fria e de vestido branco,
Ergueu os cylios e fitou-me altiva ;
Reconheci-a pelo olhar divino,
E disse alegre :— Sou feliz, és viva.

Ella enlaçou-me nos marmoreos braços,
Abrio os labios e bradou — vingança !
Que voz horrivel, que gelado corpo,
Que rosto pallido de gentil criança !...

Acorda, Eulina, que delirio é esse ? !

Foge comigo do jazigo horrendo...

— Morri para o mundo, só tu foste a causa
D'inda minh'alma divagar soffrendo.

— O que fizeste da grinalda branca

Da pobre virgem que vivia só ?...

As tristes flores desfolhastes ao vento,

As pobres folhas arremessaste ao pó !

Como a planta da calmosa tarde

Fenece a mingua do divino orvalho,

Curvado ao peso de fataes remorsos,

Serás qual tronco de pendido galho.

Mulher, perdóa se roubei-te a honra,

Se em fogo ardente requeimei-te as flores,

Atroz descrença germinou-me n'alma

Enfebricida nos fataes amores.

Descrentè eu tinha minha mente em fogo

E lastimando meu soffrer, então

Afogueada, n'um transporte louco,

Vieste pura me estender a mão.

Como o ebrio na orgia busca

Cynicos beijos de mulher perdida,

Eu apossei-me de tu'alma virgem

Depois errante me engolfei na vida.

E nem teu pranto enterceu meu seio !...
Indifferente me sorri tambem !...
Ai ! mariposa que queimando as azas,
Depois tombastes para morrer além !

Eu fui culpado, bem conheço o crime
Porque sorveste o amargoso fél !...
N'essas vigalias em que passo as noites,
Vem o remorso me bradar—cruel !

A brisa echôa—maldição eterna...
Sybila o vento—maldição tambem !
E nessas horas quando eu vello as noites
Sempre fantasma eu distingo além !...

Perdôa, Eulina, compaixão te peço,
Não queiras vivo sepultar-me aqui ;
Deixe que eu erre n'este mundo ingrato
Sem ter prazeres que jámais frui.

Teu frio corpo regelou-me o peito,
Deixa que eu fuja do jazigo horrendo...
— Morri para o mundo só tu foste a causa
D'inda minh'alma divagar soffrendo !

Perdôa, Eulina.— Perdoar não posso,
Juraste amar-me té findar a vida ;
Tu me pertences, jazerás comigo
N'esta tão fria sepulchral guarida.

Pallida e fria e de vestido branco
Junto ao seu corpo comprimio o meu !
Que de martyrios, que gemer pungente,
Minh'alma triste que pezar soffreu !

Ruge a borrasca, no sepulchro echôa,
Bramindo feio se despenha o raio ;
Chovem ossadas no meu debil corpo,
Que exhausto é preso em fatal desmaio !...

Ai!... era um sonho!... que sonhar horrivel...
Ergui os cylios despertei gemendo ;
Depois da orgia vaporosa e cynica,
Eu tive o sonho que narrei tremendo.

Scismas do crepusculo

POESIA DE A. J. SOUZA

Adoro um anjo como adoro as flores
A borboleta que no prado vaga ;
Adoro um anjo como adoro a virgem
O sonho eterno que na mente afaga.

Adoro um anjo como adoro a luz
Na floresta o viajor perdido ;
Adoro um anjo como adoro a abelha
O mel das flores no vergel sorvido.

Adoro um anjo como adora o infante
A voz materna de caricias cheia ;
Adoro um anjo como adora a noiva
A doce chama que seu noivo ateia.

Adoro um anjo como o nauta afflicto
Adora o iris que lhe traz bonança ;
Adoro um anjo como amante triste
A phrase tremula que lhe dá esp'rança.

Adoro um anjo como adora o orvalho,
A flor do valle que sorria n'aurora ;
Adoro um anjo como adora a patria
O exilado que saudoso chora.

Adoro um anjo como adora o escravo
Da liberdade o suspirado goso ;
Adoro um anjo como o cysne o lago
Onde se mira deslisar garboso.

Adoro um anjo como a brisa adora
A flôr do campo que passando beija ;
Adoro um anjo como o manso gado
Adora a relva que a seus pés viceja.

Adoro um anjo como a camponeza
Adora a festa que se faz n'aldêa
Adoro um anjo como um sertanejo
Adora o leito terminada a ceia.

Adoro um anjo como adora a virgem
Os sons da valsa no salão florido ;
Adoro um anjo como adora a mãe
O filho amado que julgou perdido.

E esse anjo que eu adoro assim
B's tu querida que sorrís-me bella,
Pharol divino que me guia a vida
N'um céo de amores minha doce estrella.

Oh! sim, adoro-te, como o crente a Deus,
E na minh'alma, te eregi, um templo,
Seja meu canto perfumado incenso.
Em torno a ti, que és da virtude exemplo.

E quando a morte despedaçar-me a lyra
Que o som final morra no ar fugindo,
Voemos juntos á mansão dos anjos
Compareçamos ante Deus sorrindo.

A revista nocturna

A' meia noite quando todos dormem
E ladra a lua o solitario cão,
Ouvem-se rufos : um tambor estranho
Acorda os mortos que enterrados são.

Das negras campas apressadas surgem
Hostes guerreiras que tiveram fim ;
A caixa rufa repetidos rufos,
Retumba ao longe marcial clarim.

Da Italia bella nos fecundos campos,
Da Russia fria no terreno troz,
No Egypto ardente, na briosa Hespanha
Repetem echos do instrumento a voz.

Os bravos formam as tremendas filas
Que ao peito incutem natural pavor ;
Não correm, voam os corseis ferosos,
Que a espora incita o desmedido ardor.

Os alvos craneos ao luar reluzem,
Tremem penachos, que formosos são,
As armas tremem, os cavallos rinham
Mastigam freios, escarvando o chão.

Entre mil vivas o famoso chefe
Eis que da campa resurgido vem ;
Não traz divisas no casaco branco,
Move impassivel o corcel que tem.

Seguem-se aos lados marechaes valentes,
Que a morte arrostando, que não tem temor ;
Ney, destemido na refrega intensa,
Murat fervendo em marcial ardor,

Erguem os soldados as luzentes armas ;
Beijando a terra o pavilhão está ,
E o chefe exclama : A denodada França
Eterna gloria nas nações terá !

E' a revista que o moderno Cesar
Passa aos guerreiros que enterrados são :
A' meia noite quando todos dormem
E ladra á lua o solitario cão.

O canto da virgem

BITHENCOURT DA SILVA

Eu sou qual rosa, na manhã serena,
Ao sol rompendo o coralino encanto
Se a brisa passa, na singela aragem,
Aos céos envio meu perenne canto...

No liso espelho de azuladas aguas
Eu miro ás vezes meu gentil semblante ;
E as estrellas de meus olhos lindos
Alli retratam seu luzir brilhante.

Das meigas flôres que no prado colho
Não ha nenhuma como eu tão bella...
Mas aos perfumes eu lhe ajunto beijos
E d'ellas teço virginal capella.

A' claridade de um luar ameno,
Nas verdes folhas dos meus verdes annos,
Eu passo a vida descuidada e pura,
Do mundo longe, dos mortaes enganos.

Se as avesinhas, ao albor d'aurora,
Nos seus gorgeios vem saudar o dia,
Eu reso á noite uma oração de amores,
Gratos perfumes de immortal poesia.

Feliz, ditosa, só em Deus pensando,
Caricias, goso de uma mãe querida ;
No seu regaço doce amor me enleia
E aos seus afagos eu entrego a vida.

Minh'alma é triste

CAFIFE

(Imitação)

Minh'alma é triste como é triste a filha
Que geme afflicta por morrer-lhe o pai
E' triste como — o triste adeus do filho
Que a mãe abraça e para a guerra vai.

Minh'alma é triste como a voz do nauta
Que sobre as ondas o soccorro implora,
E' triste como pesaroso pranto
Da mãe querida que p'la filha chora.

Minh'alma é triste qual ranger dos gonzos,
E' triste como o rebentar da vaga;
Inda é mais triste que o adeus da vida
Da mãe que morreu e a filhinha afaga.

Minh'alma é triste como é triste a supplica
Do desvalido que mendiga um pão;
Minh'alma é triste como o som do bronze,
Nuncio da morte de um querido irmão.

Minh'alma é triste como é triste a sorte
Do pobre esposo que ao degredo vai;
E' triste como triste ai pungente
Da infeliz filha que em deshonra cai.

O opulento

Eil-o que passa em seus trens faustosos
Ebrio das pompas que a riqueza dá ;
Lança dos olhos um olhar d'affronta,
Ligeiro roda, e nem se avista já !

Insulto, escandalo, a miseria extrema,
Que ás portas bate do infeliz, que só,
Vive em penuria, se é viver a vida
Eivada sempre de martyrio e dó !

Por altas noites, em salões dourados,
Se agitam danças de um folgar sem fim ;
E o rico mostra no esplendor que ostenta
Ornatos propios de um real festim !

Soam descantes, e harmonias soam,
Que infiltram n'alma a languidez do amor...
E entre os folguedos, que de véos se rasgam...
Celestes véos de virginal pudor !...

E as noites voam, fugitivas, ledas,
Entre as delicias que a ventura tem,
E aos sons festivos, que ao prazer convida,
Lá vão saudosos murmurando além.

A's mesmas horas, que as familias gemem,
Tragando o calix d'amargoso fel !...
A quantos crimes não arrasta a fome
Com seus tormentos de um pungir cruel !

Triste viuva, que vivia pobre,
Lutando em balde contra acerba dor,
Vendeu as filhas ao brilhar da infamia !!
Cedeu ao crime... santo Deus ! que horror !

Sobre as arcadas do mosteiro antigo,
Que a lua esmalta com saudosa luz,
Dous orphãosinhos sem um tecto ao menos
A' sombra dormem do velar da cruz !

Honrado artista sobre um leito humilde
Cai sem alento, que não póde mais...
Trabalha sempre, na miseria immerso,
Para soffrer penas no porvir fataes !

Velho soldado, que ao bradar da patria
Vertera o sangue no calor da acção...
Vergonha ! opprobrio ! maldição eterna !
Hoje, esquecido, lá mendiga o pão !

A casta virgem á penuria cede !...
Do erro ao crime só um passo vai !
Era hontem pura, criminosa é hoje,
Amanhã perdida, nas orgias cai !

E o rico folga nos saráos luzidos
Sorrindo a todos com um sorrir mordaz...
E o rico baldo aos sentimentos nobres
Seu ouro esgota no prazor fallaz !

Só não tem ouro para valer ao pobre...
Só não tem ouro para calar a dor...
Só não tem ouro para salvar a virgem
Dos torpes laços de um mentido amor !...

• • • • •
Homens ditosos, que folgaes no luxo,
Vergai á dor, á compaixão vergai ;
E os agros prantos de martyrio e sangue,
Nos lassos olhos do infeliz seccai.

Dai-lhes os sobejos dessas mesas lautas,
Que as mais das vezes arrojais ao chão !
Folgai, embora, mas roubai a fome
A' tantas familias, que mendigam pão !...

Na alcova

Era quasi manhã, quando do baile,
Que dera o promotor em seu salão,
Apeou-se do carro que a trouxera,
A elegante pupilla do barão...

Entrou em casa e soerguendo a cauda
Do vestido de gaze que a cingia,
Caminhou para a alcova, onde seu leito,
Por esse lindo corpo estremezia.

Sobre o marmore da mesa, francamente
Ardia a lamparina de chrystal,
Emquanto que por todo o ambiente
Erguia-se um perfume divinal.

Afeita ainda ás emoções do baile
Pensativa sentou-se no divan,
Em frente ao curvo espelho florentino
Reflector dessa imagem tão louçã.

E assim ficou talvez cinco minutos.
Fitando um ideal d'ignota côr,
Figurado no baile em carne e osso
Em um dandy, um artista ou n'um doutor.

Tirou as luvas, o manto, o braccelte
E o pequenino leque de marfim,
Deixando ver um collo de princeza
E mãos que invejaria um cherubim.

Com um lindo meneio de cabeça
Capaz de seduzir trinta mortaes,
Fez cahir os anneis de seus cabellos.
Ennastrados de flores sem rivaes.

Em seguida, com gestos de indolencia
Do pé tirou o lindo burzeguim,
A liga e a meia, e os pés já friorentos.
Escondeu nas chinellas de setim.

Mas que perna e que pé! tão pequenino
Que dava para o enfeite de um chapéo,
E uma perna, meu Deus, se um santo a visse,
Por certo trocaria todo o céu.

Depois, morta de somno, levantou-se
Em direitura ao leito então vasio,
Cujas alvas cortinas entre-abertas
Já tremiam de amores e de frio.

Deslaçou o collete : a leve saia
Deslisou pelo corpo e foi ao chão :
Deixando á mostra assim fôrmas divinas
Cheias de graça, d'alvura e seducção.

Afinal veio o banho. Aquelle corpo
Apenas envolvido em tenue véo,
Ia incauto mostrar á sua alcova
Os dons occultos que lhe dera o céo.

Correndo, pois, o olhar sobre o aposento,
Olhar em que o pudor meigo transluz,
Desprende a camisa. . . oh ! coincidencia
Nesse instante tambem — morreu á luz.

O perdão

Perdôa, oh ! virgem, se te amei sonhando,
Se, despertando, mendiguei-te um riso ;
Perdôa, oh ! virgem se nos meus amores,
Bem como as flores desmaiei conciso. . .

Perdôa, oh ! Deosa, se nos meus delirios,
A' luz dos cyrios profanei-te o peijo ;
Perdôa, oh ! deosa, se n'um louco anceio
Beijei-te o seio, supliquei-te um beijo !

Perdôa, oh santa, se por ti convulsa,
No peito pulsa destemida veia ;
Perdôa, oh ! santa quando mais s'inflamma
De amor a chamma mais voraz se ateia !

Perdôa, archanjo, se te fui ousado,
Em ter fallado n'esse amor tão cedo ;
Perdôa, archanjo — por tuas virgens c'rôas
Se me perdôas — guardarei segredo !

Perdão, senhora ! — teus olhares sérios
Só têm mysterio, que me causa damno ;
Perdão, senhora ! se me vires triste,
A dor consiste n'um fatal engano.

Deixa, donzella, reparar meu erro,
N'este desterro derramar meu pranto ;
Deixa que ao menos em queixosa endeixa,
Lamente a queixa, que me opprime tanto...

Consente, virgem, que na pyra ardente,
Eu vá demente me queimar em vida,
Então na tumba, já depois de morto,
Terei conforto da tyranna lida !

E lá, sozinho, passarei contente,
E eternamente esquecerei o mundo ;
Meu pobre peito de te amar cançado,
Lá sem cuidado dormirá profundo !...

Eu só te peço que me vás um dia,
Na lousa fria desfolhar-me um cravo,
E lá meu anjo, murmurar curvado :
Morreu coitado, de meu peito escravo !

Mulheres e flores

CICERO PONTES

Aos hymnos da brisa, que vem susurante
Da noite o sudario n'aurora apartar.
Dissipam-se as brumas e a luz cambiante
Na face da terra se vem retratar.

Dourada cortina n'um chão de turquezas
Além resplandece nos cimos dos montes,
E a relva mimosa nas lindas devezas
Se cobre de perolas que saltam das fontes.

Grinaldas de raios s'escapam dos ares,
De gratos aromas transborda a floresta ;
E um doce concerto nos verdes palmares
Ao mundo desperta nos hymnos da festa.

E tudo floresce no mar de folhagem,
Que brilha, que avulta nas vivas campinas ;
E o astro dos astros em sua passagem
De louros esmaltes adorna as collinas.

Nas faxas olentas palpitam as flores,
E as folhas nevadas desprendem a luz,
Mostrando nas fórmas, nas graças, nas côres
Um quadro pomposo que aos olhos seduz.

E aos écos sonoros assim despertados
Os campos enchendo de terna alegria,
São virgens dormidas nas longas noitadas
Que os beijos acordam dos raios do dia.

São nymphas aereas, formosas donzellas,
Que á noite se velam nos ricos sendaes
Azues borboletas que gyram singelas
Aos cantos das aves, aos sons matinaes.

D'orvalho e perfume formaram-se as flores,
Fez Deus mulheres de luz e poesia ;
Em umas realçam fragantes vapores
Resumem as outras — belleza e harmonia.

Na terra as mulheres são astros brilhantes,
E os sonhos a crença mais pura e sagrada ;
São lindos poemas, são anjos errantes
Que a vida perfumam com dedos de fada.

E tudo que brilha, que falla de amores,
Que graças revela do sol da pureza
Repete sorrindo ; — Mulheres e flores !
Excelsa homenagem prestando a belleza.

Flores d'alma

As flores d'alma que se alteiam bellas,
Puras, singelas, orvalhadas, vivas,
Têm mais aromas, e são mais formosas
Que as pobres rosas, n'um jardim captivas.

Sol bemfazejo lhes aquece a rama,
Limpida chamma, sem ardor que mata;
Banham-lhe as hastes, retratando as fronte,
Limpidas fontes em ramaes de prata.

Que amabilidade! nos vergeis suaves,
Cantam as aves, sem cessar, amores;
Se ha céo na terra, se ventura ha nella,
D'alma singela, se achará nas flores.

Filhas das crenças, como as crenças puras,
De mil venturas mensageiras bellas,
Se o vento um dia lhes soprar e as córte,
Deus! — dá-me a sorte de morrer com ellas.

Ao ermo embora, a divagar sozinho,
Corra o mesquinho, por amor trahido,
Quando o remorso lhe não turbe a calma,
Nas flores d'alma encontrará olvido.

Naufrago lasso a sossobrar nas vagas,
Sem ver as plagas em que almeja um porto,
Embora o matem cruciantes dôres,
D'alma nas flores achará conforto.

O pobre monge, que, de pé descalço,
D'um mundo falso areaes percorre,
Quando lhe entregam do martyrio a palma,
As flores d'alma se incommenda e morre,

Penso em ti

CANDIDA ISABEL DE PINHO COTRIM

Penso em ti com ardor intenso,
Tua lembrança só minh'alma encerra ;
Penso em ti, minha vida és tu,
Meu doce bem, meu amor na terra.

Penso em ti como pensa afflicta
A pobre mãe que do filho ausente
Verte o pranto da saudade amarga,
Que su'alma opprime, que no peito sente.

Penso em ti como rico avaro
Pensando vela nos thesouros seus ;
Bem como elle receio perder-te,
Temo que roubem-me os carinhos teus.

Penso em ti como misero enfermo
Em triste leito pela dor prostrado ;
Pensa ancioso no suave allivio
Que gozar espera de soffrer cançado.

Penso em ti, como pensa em Deus
O desditoso que seus males chora ;
Penso em ti com sublime affecto
Com fervor constante de quem firme adora.

Penso em ti e esquecer não posso
Um só momento quem adoro tanto ;
Penso em ti com paixão ardente
Com extremos puros do amor mais santo.

O Taverneiro

Murmura o mundo que o taverneiro
É ratoneiro por vender—toucinho.
Seja rançoso, seja bom, por preço
Que não esqueço—bem puxadinho.

Se vende carne por pataca á libra
Na corda vibra da pobreza humana,
Que diz ser caro, sem saber se o gado
Após cortado, lá no peso engana.

Se vende um queijo por dous mil e cem
Para um vintem só de lucro haver ;
Dizem que o pobre taverneiro HONRADO
É malcriado até no offerecer.

Quando elle julga estar mais descansado
Já reclinado sobre o seu balcão,
Lá entra o preto da vizinha e diz :
« Nhônhó Luiz m'esqueceu sabão. »

Só vende a vista, e jámais fiado
Café torrado com feijão moido ;
Tambem lá vende ao melhor freguez,
Por trinta réis, o seu maduro ardido.

O taverneiro vende arroz, farinhas,
Tambem sardinhas, capilé e massas ;
Vende presuntos, marmeladas finas,
Paios em tinas, salchições e passas.

Quasi que deve se chamar barbeiro
Ao taverneiro—pois que dá sangrias,
As d'estes tornam pessoas quentes,
As d'outro algentes — dizer quero frias.

Feijões que vende : amendoim, cavallo
Vejam, não fallo no que é mulatinho,
Pois se desejo dar um beijo, — E' asneira
Dál-o á torneira d'um barril de vinho.

Esta bebida é a que dá conforto,
Se é do Porto ! — note bem, do velho
E' um regalo. Depois da muafa,
Mesmo a garrafa nos parece espelho.

Por ella vê-se com pensar profundo
Que todo o mundo p'ra mentir nasceu,
Dizer o mesmo que o taverneiro
E' ratoneiro?... — Elle diz : não eu.

O taverneiro é p'ra mim sujeito
P'lo qual engeito o melhor bocado,
Principalmente quando elle diz :
Se é para a Diniz tudo dê fiado.

Todos bem sabem o que é fiado,
E' genero dado p'ra pagar depois,
Com a differença que no ir sommar
Vem-se a pagar em vez de um bico — dous.

Perdão

Ousei amar-te muito, quando placido
Sonhava possuir-te ainda algum dia,
Manchei nos versos meus, teu nome candido,
A illusão já passou ; perdão, Maria.

Pequei ! Fugir não pude ao fogo vivo
De teus olhos formosos, sem rivaes ;
Perdóá-me, por Deus ! meu rosto pallido
Bem te diz que soffrer não posso mais.

Fui um louco ! Olvidei a negra tunica
Da pobreza em que a sorte me envolveu ;
Esqueci que do mundo as galas fulgidas
Não era para os pobres como eu.

Tu eras meu fanal ! na vida insípida
Era minha ambição o teu amor ;
Os dias de ventura foram rapidos,
A esperança morreu, morreu em flor.

Fui um louco em sonhar gozos purissimos,
Fui um louco por que não te evitei ;
Mas quem pudera ver teu rosto angelico
Sem deixar-se prender, qual me deixei ?

Agora é tudo findo, é tudo marmore
N'este peito em que tinhas um altar ;
Se a natureza não fosse minha cúmplice,
Eu, de certo fugira de te amar.

Sendo pobre devera ser mais tímido,
Que amar o pobre ao rico é ousadia ;
Mas agora meu peito é todo gelido,
A illusão já se foi ; — perdão, Maria.

Tudo dança

DR. CAETANO ALVES DE SOUZA FILGUEIRAS.

A dança é arte de reaes engodos
E n'este mundo é profissão geral,
Dansam nos ares os planetas todos
E cá na terra tudo que é mortal.

Dansam com a brisa da floresta os ramos,
Outras flores taes, dansam lá no mar ;
E em qualquer rua da cidade vamos
Ver ursos, ratos, allemães dansar.

Inda no ventre, já os fétos pulam,
E apenas soltos, piruêtas dão ;
No baile as moças os pistões açulam
E á dança os velhos com os rapazes vão.

Os proprios homens de madura idade
Esses que o nome de sisudos tem
De vez em quando a choreal deidade
Pagar tributos de pernadas vem.

Este precisa de dansar com a filha
Do conselheiro que o lugar lhe deu
Outro quer ver se a mesma sorte pilha
E a mãe procura para o lado seu.

Aquí nos mostra um genovez na tampa
De um realejo, saltitante par ;
Alli á mesa outro labrego acampa
Onde a macaca vai tambem bailar.

E a cada esquina, de botins ferrados,
Ao som de uma harpa esbodegada e atroz ;
Dansam marmanjos de Milão chegados
Atraz dos cobres que lhe vem após.

Dansam os cavallos dos leões da moda
E já se sabe o cidadão inglez,
Ha sempre dança do que tem na boda
E p'ra o que chupa no cruel xadrez.

Dansa, portanto, o universo inteiro,
Tudo o que, e que razão não tem ;
E agora mesmo com o Herval guerreiro
Lá anda o Lopez a dansar tambem.

Mysterio de amor

EUGENIO PASSOS

Do amor o gozo vivifica a alma
Na doce calma que a existencia tem ;
E tu, donzella, a sorrir primores
Doces amores me offertares... vem !

E tu, morena, seductora e bella,
Fada, donzella, do Eden da vida ;
Porque não vens soluçar ao menos
Os doces threnos de amorosa lida ? !

Porque não vens?... ó seductor archanjo
Mimoso anjo de eternaes palores ;
Se o bardo vive soluçando queixas
Magoas, endeixas, anhelando amores.

Se és boa e terna cherubim formoso
Vem pressuroso desterrar-me a dor ;
Vem entre sonhos qual ridente imagem
Dar-me coragem p'ra fallar de amor !

Amor ! tão puro, como é pura a virgem
Que deu origem ao meu triste canto ;
Que em sonho aéreo eu a vejo ainda
Envolta, linda n'um celeste manto !

Acaso sabes que o archanjo é ella !
Que és tu donzella, que me afagas a mente ;
Que n'alma sinto devorante chamma
Que o peito inflamma n'um amor adente !

Oh ! tu nem sabes nem sentir quizera
Ideal chimera que a meu peito dei ;
Mysterio lento que me arrasta em vida
Na triste lida que vencer não sei !

Amor ! ai tanto que não é possível
Nem mesmo crível tua alma o ter ;
Bem sei, meu Deus ! que esse amor fatal
E' o fanal que me faz morrer...

Morrer ! que importa se esta vida é sonho
Triste bisonho que só diz — tortura.
Se entre as trevas de final morada
Só brilha a ossada p'ra dizer — ventura.

E tu donzella, gravarás na mente
Não levemente do cantor o nome :
E junto á campá desfolhando flores
Fallarás de amores que se não consomem ?

O pranto d'alma que verter alli,
Junto de ti me fará gemer ;
Quebrada lousa que meu peito encerra
Sobre esta terra me farás erguer ?

E alli, risonhos, ao clarão da lua
Que além fluctua taciturna e só ;
Mysterio santo de sublime crença
Pura e intensa attestaré o pó.

O janota

GUALBERTO PEÇANHA

Ando na moda p'ra agradar as bellas
Que na janella ao passar eu vejo ;
Tornar-me dellas — de terreiro um gallo —
Verdade fallo é o que desejo.

Por isso uso as derradeiras modas,
Quaesquer ou todas que Paris nos dá ;
Julgam chalaça o que digo ? — Então
Muita attenção — vão ouvindo lá :

Calça na moda — á balão chamada,
Mui bem talhada por franceza mão,
Alva camisa de cambraia fina,
Linda botina de fino tacão ;

Chapeu mui fino—de castor, patente,
Cabello rente—á duque Saxe,
Collete ornado de botões brilhantes,
Pois dos tonantes é o luxo, é praxe ;

Gravata chique—de uma cor mimosa,
Tendo uma rosa por meu alfinete
Luvax, bengala, mexican bem feito
Torna perfeito meu gentil toilette ;

Com primoroso pince-nez de gosto
Se fito o rosto de qualquer menina,
Ella ao principio quer mostrar-se esquiva
Depois cativa cahe no laço—é sina ;

O meu bigode com torcidas pontas
A's moças tontas faz dar mil saltinhos,
Com os olhos faço um tal pisca-pisca
—Segura a isca para os taes peixinhos.

E qual a moça ao me ver tão chique
Presas não fique pelo beijo?—Hein?
Só desejando qu'eu com tom faceiro
Diga primeiro ! « — Quer casar meu bem ?

As proprias velhas—sasonados pomos,
Chupados gomos de um fructo azedo,
Dizem que anhelam me adorar tambem,
Eu com desdem, então digo :—« E' cedo !

Permittam ellas qu'este amor rejeite,
Amas de leite,— não preciso, juro;
Si bem que tenha rijos dentes—sei,
Jámais gostei de mastigar pão duro.

Folgada vida, mui alegre passo
Si bem que escasso seja o cobre.— Ora
Si ellas me adoram... e com preferencia
Pela apparencia que só vêm por fóra.

Como deixar de idolatrar as bellas
Si eu sou d'ellas um fiel debuxo?
Mesmo esbagado, sim senhor, que quer?
Pois a mulher o que quer é ver luxo.

Morte d'alma

V. J. BOM SUCCESSO JUNIOR

Amei-te oh! virgem no silencio d'alma,
Colhi a palma d'um mentido amor;
E essas crenças que libei contigo,
Eil-as comigo no gemer da dor.

Amei-te oh! virgem e qual flor mimosa
Que descuidosa com o tufão pendeu:
Assim minh'alma que aprendeu amores
Hoje entre dores por ti só morreu.

A linda estrella que adorei na vida
Nuvem perdida sua luz finou;
Ai de agonia soletrou tormentos,
Teus pensamentos no horror lançou.

Mancebo infame, te saudou o encanto,
Falsario canto te envolveu no pó ;
Alma de marmore te escondeu o véo
Surdo é-te o céo, tu mereces dó.

Sorrio-te o mundo lh'escutaste as fallas
Trajaste as gallas que vestia o crime,
Somno do inferno te tornou mulher
Dores requer ; teu soffrer me opprime.

Libaste sofrega o licor da morte
Que deu-te a sorte na fatal vertigem ;
Pura buscaste de amor um beijo
Viste o lampejo de tu'alma virgem.

Tudo acabou-se e teus tristes dias
Cavam agonias d'uma fé sem luz
P'ra ti, ai triste !... já não ha perdão
A redempção só acharás na cruz !

Porque donzella não afogou-te o pranto
No sentir tanto tua inutil vida ?
Altar sem culto te maldiz o Eterno
Ri-se o inferno, és mulher perdida.

Se é crime

Se é crime amar-se de um olhar altivo
O sempre divo, soberano encanto ;
Se é crime, ás vezes, do viver na aurora
Que a luz se adora se dizer n'um canto ;

Se é crime aos santos se queimar incenso
E preito immenso se render ao bello ;
De um rosto ao ver-se na celeste alvura
Da formosura divinal modelo.

Se é crime, e grande, d'uns cabellos pretos,
Longos, repletos do melhor perfume,
De alguma noite sem luar formoso
Ver-se o luctuoso, espantador negrume :

Se é crime do anjo se adorar no riso
Do paraizo a esplendidez sublime ;
Se confessar-se que mereces hymnos,
Poemas d'inos, constitue um crime.

Eis-me a teus olhos como um réo confesso...
Dá-me te peço, um exemplar castigo !
Mas em tua vida festival, risonha,
Ao menos sonha alguma vez comigo

O perdão

Se eu fôra um cuidado, quizera affligir-te,
Se eu fôra a saudade, quizera ralar-te,
Se eu fôra um punhal, quizera ferir-te,
Se eu fôra um veneno, quizera matar-te.

Se eu fôra uma dor, quizera doer-te,
Se eu fôra o abysmo, quizera sumir-te,
Se eu fôra uma cobra, quizera morder-te,
Se eu fôra um vulcão, quizera engolir-te.

Se eu fôra o remorso quizera roer-te,
Se eu fôra o demonio, quizera tentar-te,
Se eu fôra um malvado, quizera perder-te,
Se eu fôra uma féra, quizera tragar-te.

Mas ha! qu'eu não sou punhal, nem veneno,
Nem cobra, demonio, remorso, cuidado,
Não sou a saudade, nem féra, nem dor,
Vulcão eu não sou, abysmo, malvado.

Sou homem que teme de Deus o poder,
Que a um miseravel tem dó, compaixão,
Perdôo-te os males que tu me fizeste,
E tudo perdôo, porque sou christão.

Elmaia

MANOEL DE MACEDO

Tu me chamaste de infiel, Morena,
Porque, tyranna, me offendeste assim?
Eu já faltei-te, já te fui perjuro,
Pois já tens queixas que fazer de mim?

Talvez tu sejas inconstante e varia,
E por teu genio, tu julgues tal!
Porém eu juro que te amo e muito...
E tu, Elmaia, tens-me amor igual?

N'aquelle baile em que dansamos juntos,
Tu me provaste que eras muito má!
A' sós deixavas muitas vezes, muitas,
Quem vida e alma, eterno amor te dá!

E assim provas que também me amas ?
E' dessa fôrma que se pôde amar ?
Não, minha virgem, quem amor tem firme
Só junto d'elle pôde bem gozar...

Porém, perdôa : são transportes d'alma !
Estou vencido, já te beijo os pés !
E se me amas com amor bem puro,
Deixa esses modos que me são crueis.

A' Cecy

(P O R P E R Y)

A dor profunda que me causaste ingrata
Só não maltrata a quem não tem amor,
E os sacrificios que á minha vida debes
Nem te atreves a avaliar oh ! flor !

Já que tão cedo me fizeste vér,
Ou mesmo crer na illusão da vida,
Não queiras mais recordar amores
Já não ha flores a te offertar querida !

Hoje meu riso já não tem calor,
E' como a flor pelo sol crestada,
Jaz sepultada no riacho brando
Só se lembrando da illusão passada.

Jámais eu quero este viver atroz,
Que tão feroz, pouco a pouco mata :
E' o que me destes seductora Ida,
E' minha vida que roubastê ingrata !

Festas de dor

V. DE CARVALHO

Tu queres que eu te dê magos encantos,
Cantos santos d'uma harpa que morreu?
Negro crépe envolverá minha vida,
Ida, lida das dores no escarcéo!

Do templo do meu ser na branca neve,
Ave grave, funerea se aninhou;
Eu senti da esperança, então fugindo,
Indo, findo, o souhar que acalentou.

De meus seios morrendo a doce calma,
Alma á palma correu da solidão;
De meus brincos da infancia só me resta,
Esta festa de dor, que os prantos dão.

Arrancado bem cedo de meus lares,
Ares, mares diffrentes avistei;
E pisando do mundo o trilho incerto,
Certo, perto da campa me prostrei.

D'azas negras, funereo, vaticina
Sina f'rina, o archanjo, aos dias meus;
De saudades assim, no extremo alento
Lento vento erguerá minh'alma á Deus!

Julieta

ROMEU

E' noite... e eu velo!... a relembrar as scenas,
Horas amenas que gozei no lar...!
E' tarde!... e est'alma d'outro amor estreme...
Desvaira... geme... em afflicção sem par!...

E' tarde... e a brisa nos vergeis a medo...
Meigo segredo ciciando ás flores,
Vem suspirosa bafejar-me o pranto...
Balsamo santo no pungir das dores !

E o bronze ao longe em seus ais sentidos
Doze gemidos faz ouvir além...
E a lua passa... orgulhosa... ufana...
Gentil sultana no siderio harem !...

Ai ! como é triste o caminhar descrente
Sem ter na mente esp'rança ao menos !...
Rosa fanada na aridez da calma
Sorve esta alma infernaes venenos !...

E tu... nos braços de um rival que odeio,
No doce enleio de febris amores...
Ah ! nem te lembras do infeliz que geme...
Batel sem leme a sossobrar nas dores !...

Estatua da vida

BETHENCOURT DA SILVA

Estatua inerte, insensível, calma,
Mimoso corpo, não conhece a vida,
Palida estrella que brilhar não sabes
Perola santa, para os céos perdida.

Jardim sem flores, sem perfume, secco,
Lodosa argilla, desprezível pó,
Orgulho inutil, sentimento morto,
Gelado peito, não conserva dó.

Formosa e linda, alabastrina Venus
E' muda e fria, e nem riso tem,
Alma de marmore, sem fé, sacrilega,
Aos céos prendel-a nem um sonho vem.

Altar sem culto, sem amor, sem idolos,
Religião sem crentes, muda já está,
Sacratio augusto, esperança morta
Nem um suspiro o coração lhe dá.

Vaso esculpido de valor sublime
Que doce orvalho não colheu do céu,
Bello horizonte, mas sem luz, sem brilho
Sendo escondido por funereo véo.

Adormecido, sepulchral archanjo
Celeste aroma—nem a Deus orou,
Apenas folhas—desbotada rosa,
Sem ter amor seu coração ficou.

Rosas brancas

L. FELIX

Rosas da vida que cedeis perfume.
Aos olhos—lume, á paixão—amores,
Ao peito—crenças,—ás manhãs o brilho,
Ao moço o trilho de eternaes fulgores.

Estrella d'alma no luzir constante,
Jamais distante do solar florido,
Astro sem mancha que a sorrir percorre
Céu que não morre no existir querido.

Quero-vos linda na modestia santa
Que tanto encanta o coração poeta !
Quero-vos simples nos jardins, nas salas,
Nos risos, fallas, na paixão discreta.

Quero-vos anjo de alvacentas penna,
Deusa terrena da virtude emblema !
Quero-vos meiga, jovial, sincera,
Qual primavera que a velhice extrema !

Assim vos quero e na esperança vivo,
Livre — cativo, na descrença — crendo ;
Festivo e triste, leviano e serio,
Sob o mysterio que vos fui dizendo !

Demais já disse !... Fui além, confesso !...
Perdão vos peço ! Sois bondosa eu sei !
Ha n'isso crime ? Não cedeis desculpa ?
Foi vossa a culpa, só por vós pequei.

O sonho

RICARDO FRANCISCO DE ALMEIDA

Eu tive um sonho em que vi — senti,
Lucinda, linda, para mim sorrir ;
E os labios bellos entr'abrindo — rindo
Ditoso gozo demonstrar fruir.

Era seu rosto de encantos, tantos,
Serenos, amenos, de morena cor ;
Pedi-lhe um beijo, e n'um engano lhano,
Delirei, manchei seu juvenil pudor.

Ella anciosa n'esse enredo ledo
Furtivo esquivo um olhar lançou-me ;
Julguei estar n'esse instante, ante
Estrella bella que o céu fadou-me.

Foi d'esses sonhos que a mente sente...
Dourado fado ao perpassar da vida...
Sonho que indica mil venturas puras,
Estreito peito de existencia fida.

Engano d'alma que existe triste,
Soffrendo, crendo em ideaes primores...
Illusão ficticia que n'um momento lento,
Contente sente quem sonhar amores.

Mas despertando do risonho sonho,
Lucinda, linda, jámais pude achar!
Não pude vel-a, mas... embora... agora
Desperte certo de que a devo amar.

Peregrina imagem

OCTAVIANO HUDSON

Porque me foges peregrina imagem ?
Porque torturas a minh'alma afflicta ?
Não vês que choro de soffrer teu odio
Que mais ardente meu amor incita ? !

Porque desvias esses olhos languidos
Dos meus que anceiam se rever nos teus ?
Porque emmu'eces quando fallo e peço
Perdão, desculpa dos delirios meus ? !

Porque constante teu olhar furtivo,
Sorprendo, ás vezes, a fixar-se além ?
Porque inclinas pensadora a frente ?
Porque suspiras, sem amar ninguem ?!

Porque recusas ao piano oh ! Diva,
Que volte as folhas do Nocturno Canto,
Dizendo altiva—«Não lhe dé cuidado,
Não se incommode ; não mereço tanto ?!»

Ou se insisto no almejado intento,
Mordendo os labios, a corar-te o rosto,
Porque murmuras ao voltar-me as costas :
— « Sinto viesse a me massar disposto ?!»

Depois... deitando-me um olhar daquelles
Que enleiam, matam um feliz mortal.
Sorrindo dizes m'estendendo a mão :
— « Não se amofine que não fiz por mal ?»

Se persistires n'essa fôrma excêntrica
De torturares a minh'alma ardente,
Hei de humilhar-te, revelando a todos
Que o teu orgulho meu amor consente !

Miragem

GREGORIO DE ALMEIDA

Quando tu fallas, tua voz é o éco
Da voz de um anjo que no céu murmura ;
Quando me olhas—teu olhar é o mundo,
Que eu sonhei todo amor, todo ternura.

Quando oras no templo,—os olhos baixos,
As mãos cruzadas, o sorrir nos labios—
Tu te assemelhas, anjo, ás creaturas
Cheias de fé, de amor, dos livros sabios...

Tu és tão santa, tão mimosa e pura
Que me parece, vendo-te tão calma,
Ser teu corpo uma sombra, ou seres fada
Quando pisas, parece que os aromas
Do nardo e do jasmin surgem do chão ;
Quando te ris, o céo abre-se ardente
Todo luz, todo amor, todo illusão !
Quando passas, o farfalhar das sedas
Faz palpitar os corações com ancia ;
Ha no teu rosto, no teu corpo todo
Harmonia, perfume, luz e alma !
Ha n'alvura da tez um qué das nuvens,
Raios do sol nas tuas louras tranças ;
Ou és um mixto de neblina e rosas,
Ou um anjo mimoso de esperanças !
Maldito aquelle que teu olhar pensando
Tirar-te da innocencia o branco véo,
Para te amar, sómente de joelhos...
Que tu não és da terra nem do céo !
Um qué das brancas flores e da infancia !

O quebra-kilo

Sou quebra-kilo : encolletado em couro,
Por vil desdouro, se me trouxe aqui :
A bofetada minha face mancha :
A corda e a «prancha» me affligir senti.

Nas cans, modestas, a thesoura cega !
Da minha encherga só me resta o pó :
De esposa e filhas violentam rudes,
As sans virtudes— seu thesouro — só.

Não ha direitos: isenções fugiram ;
Nas leis cuspiram desleaes vilões :
Crianças, velhos, alejados, aguarda
A triste farda de crueis baldões.

Em vão, descalços, minha esposa e filhos,
Do sol os brilhos, pranteando vem :
Socorro imploram : piedades á tantos . . .
Mas de seus prantos se recreia « alguém » !

E ao quebra-kilo, deshonorado e louco,
E' tudo pouco, quanto a infamia faz :
Se alli contempla da familia o roubo,
Aqui, no dobro, se o flagella mais.

Vê sua esposa, da desgraça ao cimo,
Por seu arrimo, tudo pol-a em vão :
Recorda as filhas que sem mãe ficaram,
E lhe as roubaram . . . que perdidas são.

Tyrannos, vêde que miseria tanta !
Nem aquebranta meu pungir, meus ais :
Martyrio, ultrajes de negror, fazei-me ;
Porém dizei-me, se tambem sois pais !

A bofetada minha face mancha :
A corda e a « prancha » me doer senti :
A vil deshonna da familia querida
Tirou-me a vida : de pudor morri !

LUNDÚS

O recrutamento

Tudo anda em balburdia
Cá no Rio de Janeiro,
S. Francisco já não dobra,
Por ter falta de sineiro.

Oh ! que tempo endiabrado,
Que nos traz atrapalhado !

O rapaz mesmo decente,
Deve andar com muito cuidado,
Pois d'un instante para outro,
E' sem demora agarrado !

Oh ! que tempo endiabrado, etc.

Já não ha mais loterias
(Vigesimos quero dizer!)
Até os cartões de bond. . .
Se mandaram recolher !

Oh ! que tempo endiabrado, etc.

Os capoeiras não dansam,
Em frente das procissões,
Pois temem serem levados
De urbanos a cachações.

Oh ! que tempo endiabrado, etc.

Os pobres pretos do ganho
São presos sem mais detença,
Si por acaso não trazem,
No pescoço a licença.

Oh ! que tempo endiabrado, etc.

As beatas já não sahem,
A' rua p'ra pedir,
Temendo ir p'ra o asylo,
E de lá nunca sahir !

Oh ! que tempo endiabrado, etc.

Urbanos por toda a parte,
Policias andam á toa :
Até chegam a filar
Os padrecos de corôa.

Oh ! que tempo endiabrado, etc.

Nos pobres capoeiras
Tem feito seus farneis,
Enchendo-se as estações,
Como as pulgas os quarteis ?

Oh ! que tempo endiabrado etc.

Ninguem se livra por-certo,
Quer seja casado ou não,
De logo ser remettido,
Para o Campo da Acclamação.

Oh ! que tempo endiabrado, etc.

Não sei como explicar
A causa deste angú !
Será para irmos á China,
Ao Paraguay ou Perú.

Oh ! que tempo endiabrado, etc.

Mas quem isso fará,
Quem será este *tutú* ?
Por certo que não o sabe
O autor deste lundú.

Oh ! que tempo endiabrado, etc.

O tango-no-mango

Eu casei-me com uma velha
Para livrar da filharada
Deu o tango-no-mango n'ella
Teve dez de uma ninhada.

Estes dez, meu bemzinho, que ella teve
Foram ver jogar o nove,
Deu o tango-no-mango n'elles
Não ficaram senão nove.

D'estes nove, meu bemzinho, que ficaram
Mandei-os fabricar biscoito,
Deu o tango-no-mango n'elles
Não ficaram senão oito.

Destes oito, meu bemzinho, que ficaram
Foram jogar os tres sete,
Deu o tango-no-mango n'elles
Não ficaram senão sete.

D'estes sete, meu bemzinho, que ficaram
Foram ver cantar os reis,
Deu o tango-no-mango n'elles
Não ficaram senão seis.

Destes seis, meu bemzinho, que ficaram
Mandei-os forrar de zinco,
Deu o tango-no-mango n'elles
Não ficaram senão cinco.

Estes cinco, meu bemzinho, que ficaram
Foram todos caçar no mato,
Deu o tango-no-mango n'elles
Não ficaram senão quatro.

D'estes quatro, meu bemzinho, que ficaram
Fizeram todos um entremez
Deu o tango-no-mango n'elles
Não ficaram senão tres.

D'estes tres, meu bemzinho, que ficaram
Foram ver matar os bois,
Deu o tango-no-mango n'elles
Não ficaram senão dous.

D'estes dous, meu bemzinho, que ficaram
Foram comprar um anum,
Deu o tango-no-mango n'elles
Não ficou senão um.

Esse um, meu bemzinho, que ficou
Metteu-se em grande alhada,
Deu o tango-no-mango n'elle
Acabou-se a filharada.

A velha que quer casar

Sinto dores de cabeça
E a barriga a me roncar,
Vendo cuidar em namoro
A velha que quer casar!

A bunda chocha, escorrida,
Quer com pannos augmentar ;
Tem pernas de gato secco
A velha que quer casar.

Cincoenta annos bem puxados
No officio de namorar,
Conta sem achar marido,
A velha que quer casar.

Sabe cantar bem modinhas
E quadras improvisar,
Tambem diz suas chalaças
A velha que quer casar.

Vai á praia tomar banhos,
Com aréa se esfregar,
Toma ajudas de pimenta
A velha que quer casar.

Ha de ficar tão foguete,
Que hão de custal-a aturar,
Quando vestir-se de noiva
A velha que quer casar.

Se ha nesta vida pratinhos
Que se deve apreciar.
E' ver como se arribica
A velha que quer casar.

N'uma funcção de Sant'Anna
Muito já deu que fallar,
Fazendo cousas de estrondo
A velha que quer casar.

N'essa noite aos convidados
Bombas e traques vi dar,
De muito fogo que tinha
A velha que quer casar.

No mesmo aperto em que estava
Depois... em certo lugar
Eu vi, fazendo caretas
A velha que quer casar.

Emquanto a gente tem vida,
A vida deve gozar,
Por isso eu cá não censuro
A velha que quer casar.

A feijoada

MUSICA DE J. S. ARVELLOS

Oh! que feijoada
Tão engordurada
Tão cheia de bredes
Que me atola os dedos,
De limões azedos
Pimentões ardentes
Oh! que bello vinho,
Que gordo toucinho,
Que na mesa bolle,
Para ficar molle
Só nos falte um golle
Da bella aguardente.

Tudo é feijoada
Feita por amor
Para encher a pança
De um trovador.

Que negro tismado,
Que corre apressado,
Aqui, no Brazil ;
Que pretas gentis
Bonitas e feias
Vestidas de tangas,
Vendendo pitangas
Laranjas e mangas
No campo da feira,
Tudo é bebedeira
Tudo é bandalheira,
Que nos causam zangas.

Estas são as notas
Que nos diz amor,
Para encher a pança
De um trovador.

Quanta moça tola,
Que come cebola
Da Inglaterra,
Com medo da guerra
De Napoleão
Que ha n'esta terra.
Que porcos mimosos
Carneiros cheirosos
Cabras berradeiras
Gallinhas poedeiras
Nas segundas-feiras
Vão p'ra correcção.

Estas são as notas
Que nos diz amor,
Para encher a pança
De um trovador.

Quanta moça feia
De meiguice cheia,
Nas suas janellas,
Mas quantas mazellas,
Quantas erysipelas,
Encobre o balão.
Quantos impostores
Da rapaziada
Formados doutores
Andam ás embigadas
Andam ás cabeçadas
Sò a cachação.

Tudo é feijoada
Feita por amor,
Para encher a pança
De um trovador.

A pombinha de yáyá

Eu vou contar uma história
Que se passou no Pará,
Fugio de sua gaiola
A pombinha de yáyá.

A côr da bonita rôla
E' igual ao tafetá
Tambem tem bico vermelho,
A pombinha de yáyá.

Seria grande festança,
Se ella viesse para cá.
Os mocinhos beijariam
A pombinha de yáyá.

Mas a dona d'esta ave
Em vez de boa, é tão má !
Pois trazia sempre occulta
A pombinha de yáyá.

Se n'ella se ia pegar
Dizia logo arre-lá
Não consinto que se pegue
Na pombinha de yáyá.

Um dia que descuidada
Vi a galante sinhá
Botei a mão e peguei,
Na pombinha de yáyá.

Ficou zangada e gritou
Passa, que isso não se dá
Quem consentio que pegasse
Na pombinha de yáyá.

Grandissimo marôto
Vá-se embora, já e já,
Nunca mais há de bispar
A pombinha de yáyá.

Estrilho

Fallo da rôla
Oh ! sinhásinhas,
Então porque
Ficais coradinhas ?

Borboleta

Meninas ha que me chamam
Borboleta e beija-flor,
Porque dizem qu'eu a todas
Faço protestos de amor.

Como se engana
Em tal pensar
Jonã que diga
Se eu sei amar.

Porque olho com ternura
As vezes p'ra uma bella,
Me julgam sem mais nem menos
Apaixonado por ella.

Como se engana, etc.

Dizem que as moças todas
Meus mimos e graças tem
Decidiram em seu jury
Que eu não adoro a ninguém.

Como se enganam, etc.

Passa por certo entre ellas
Que á minha mente—paixão,
Desfaz-se toda na lingua
Sem chegar ao coração.

Como se enganam, etc.

Fado brasileiro

CATHERETÉ DA PARODIA—ORPHÉO NA ROÇA

Poesia de Francisco Corrêa Vasques

Eu sou homem muito serio
Estas cousas não atico,
Mas ouvindo o violão
Caio logo no serviço.

Córo

Quebra, quebra bem quebrado,
O fadinho brasileiro,
N'uma roda deste fado
Tudo fica prisioneiro.

Oh ! yes mim tambem
Quer fazer sua papel,
Quando mim dance esta cose
Thak you estar Very well !

Quebra, quebra bem quebrado, etc.

Quebra, quebra minha gente,
Já não sou Juiz de Paz !
Quando caio no fadinho
Sou um homem como os mais !

Quebra, quebra bem quebrado, etc.

Tomara achar quem me diga
Quem é que pôde aguentar
A mocinha brasileira,
No fadinho a requebrar.

Quebra, quebra bem quebrado, etc.

Que d'ellas as chaves

VASQUES

Que é d'ellas as chaves
Que eu te dei para guardar ?
Està no fundo do bahú,
Quém quizer vá lá buscar.

Que é d'elle, o typo
Que te dei para compôr?
Está na caixa do *Jornal*
Lá na rua do Ouvidor.

Que é d'elle, o Juca
Irmão da Cândinha?
Foi parar na correccão,
Por jogar a vermelhinha.

Que é d'elle, o lenço
Que eu te dei para assoar?
Já mandei p'ra a lavadeira,
Para logo se lavar.

Que é d'elle, o nickel
Que tinha posto aqui?
O moleque me roubou,
P'ra beber de paraty.

Que é d'elle, o anel
Que eu hontem te emprestei?
Eu estava esbodegado,
Lá na venda o empenhei.



VOLUME 2.º

AO PUBLICO

O favoravel acolhimento que encontramos da parte do respeitavel publico, na publicação do 1.º volume da LYRA DO TROVADOR, nos animou a editar o 2.º, esmerando-se o editor tanto na escolha das modinhas, lundús, recitativos, como na correccão e nitidez do trabalho typographico e espera que o publico continue a dispensar-lhe sua protecção.

Brevemente publicaremos o 3.º volume.

O EDITOR.

MODINHAS

Oh! sorte minha cruel!

Oh! sorte minha cruel,
Vem meus dias te minar,
Já que Jônia, por quem morro,
Não me quer feliz tornar.

Só o desejo
De a gozar
Mantem-me a vida
Sempre a penar.

Um momento de prazer
Bem merece o traidor,
Que só tem por ti soffrido
Tantos tormentos e dôr.

Só o desejo,
De a gozar
Mantem-me a vida
Sempre a penar.

Céos! oh céos! por piedade
Arrancai meu coração,
Que sumio-se a minha estrella
Nas nuvens da ingratição.

Só o desejo
De a gozar
Mantem-me a vida
Sempre a penar.

Frio manto

MODINHA BAHIANA

Frio manto de estrellas bordado
Vai a noite arrastando nos céos
Cae orvalho nas azas da briza
Qu'em gelado entre as flores morreu
Na mansão dos finados divaga
Triste bardo com a lyra na mão!
Acha a campa que busca e sentado
Desferio esta triste canção.

Tantos raios de luz ha no céu
E nenhum d'e-perança eu achei!
Os cyprestes e os goivos da campa
E os restos d'um bein que adorei!
Entretanto aqui venho de balde
Alta noite seu nome invocar
Chamarão isso loucura na terra
E, eu chamo constante adorar !...

Uns tem pranto chorado nos olhos
Dentro d'alma chorado é o meu
E ninguem póde vir enxugal-o
Pois quem sabe só delle sou eu !...
Lá se foi a visão que era nuvem
Só não vai este meu padecer
Justo céu se meu mal não abrandas
Veze mil eu prefiro—morrer.

Em roupagem de neve abafado
Desce um anjo da etherea mansão
Se foi ella — foi Deus quem a mandou
Me tirar desta negra afflicção:
Quando o sol da manhã descortina
Triste scena que faz compungir
Um cadaver com a lyra na mão
Era o bardo para sempre a dormir.

Lembranças de nosso amor

Qual quebra as vagas do mar,
Carcomindo as duras fragas,
Assim da saudade as magoas,
O meu peito vem quebrar ;
O meu destino é pensar,
Ingrata, no teu rigor...

Vê que contraste, que horror :
Tu na minh'alma gravaste,
De tua mente apagaste
Lembranças de nosso amor !

Se o sol desponta, eu lamento ;
Se o sol se despede eu choro ;
Se a brisa passa eu imploro
Compaixão p'ra meu tormento,
Como não gozo um momento
Do somno o doce favor,
Alta noite com fervor
Em ti minha alma s'inspira,
Canto ao som da minha lyra,
Lembranças de nosso amor.

Mulher, é lei do meu fado,
E' o destino em que vivo,
Depois de ficar captivo
D'um gesto, d'um teu agrado ;
Sinto meu peito vergado
Ao peso do dissabor ;
Vai-me fugindo o calor....
Ai que me matam, querida,
Saudades da nossa vida
Lembranças do nosso amor.

O anjo da morte pousa
Na minha frente já fria,
Vai passeiar algum dia
Onde meu corpo repousa ;
Da sepultura na lousa
Que ha de abafar minha dor,
Por piedade e favor
Planta um goivo, uma saudade,
Signal da nossa amizade,
Lembranças de nosso amor.

De ti fiquei tão escravo

De ti fiquei tão escravo
Depois que teus olhos vi,
Que vivo só para teus olhos
Não posso viver sem ti.
Contemplando teu semblante
Sinto a vida m'escapar,
N'um teu olhar perco a vida,
Ressuscito n'outro olhar.

Mas é tão doce,
Viver assim,
Lilia não deixes
De olhar para mim.

N'um raio de teus olhares
Minh'alma inteira preendi,
Se tens minh'alma em teus olhos
Não posso viver sem ti.
A qualquer parte que os volva
Minh'alma sinto voar,
Inda que livre nas azas
Presa só em teu olhar.

Mas é tão doce, etc.

Que era meu fado ser teu
Ao ver-te reconheci,
Não se muda a lei do fado,
Não posso viver sem ti.
Por não ser ainda completa
Minha doce escravidão,
Se me ferem teus olhares,
Choro sobre o meu grilhão.

Mas é tão doce, etc.

Meus gemidos solto em vão

Meus gemidos solto em vão
Meus olhos são duas fontes
Os meus ais rompem os ares
Mas respondem só os montes.

Minha Analia já não vive
Ai ! que dor ai ! que tormento,
Vem oh ! morte finalisa
Minha vida n'um momento.

Desde que os ternos afagos
De Analia roubou-me a impia,
Meus dias foram votados
A' cruel melancolia.

Minha Analia já não vive, etc.

De seu trato os sãoz prazeres.
Em vão minh'alma procura,
Só um tumulto me responde
Aqui jaz tua ventura.

Minha Analia já não vive, etc.

Depois que te dei minh'alma

Depois que te dei minh'alma
Só vivo uma hora no dia.
Mas hoje nem gozar posso
De um momento de alegria.

Só oh ! Lilia nos teus braços,
Do mundo todo esquecido,
Poderei gozar uma hora
D'ausencia, o tempo perdido.

Não te esqueças Marília de mim

Chega a hora da minha partida
Adeus anjo, adeus cherubim ;
Em minh'alma tu vais retratada
Não te esqueças Marília de mim.

Não te esqueças de mim quando a lua
Clarear no celeste jardim ;
Quando as trevas da noite offuscarem
Não te esqueças Marília de mim.

Não te esqueças de mim quando a rosa
Desbrochada, murchar no jardim ;
Quando a rôla no bosque cantar
Não te esqueças Marília de mim.

Não te esqueças de mim quando vires
A açucena e o bello jasmim ;
Quando o triste cypreste encontrares
Não te esqueças Marília de mim.

Não te esqueças de mim quando a aurora
Vem tingir-se de branco e carmim ;
Quando o sol expirar no occaso
Não te esqueças Marília de mim.

Não te esqueças de mim quando ao longe
Escutares lamentos sem fim ;
Quando á lyra algum triste chorar
Não te esqueças Marília de mim.

Não te esqueças de mim que te adoro
Que padeço tormentos sem fim ;
Já que a sorte nos quer separar
Não te esqueças Marília de mim.

Aceita oh! Lucinda

Aceita oh ! Lucinda,
Rosa tão linda,
Que orvalha-se ainda
De meigo frescor.

Ella é primorosa,
Fragrante, cheirosa,
Nascida, mimosa,
No valle de amor.

Tem terna lindeza,
Tem doce belleza,
Do valle é princeza,
Rainha das flores.

Toda ella é perfume,
Não nutre ciume,
Pois tudo presume
Ter deosa de amores.

No valle, vistoso,
Mui lindo e formoso,
Surgio gracioso
Da rosa o botão ;
Depois foi abrindo,
Perfume espargindo,
Mas sempre sorrindo
Com doce affeição.

Não vês, oh ! donzella,
Sorrindo-se—Ella,
Tão pura e tão bella
No seu desabrir ?
Tu és mais formosa,
Teus labios, mimosa,
Só sabem á rosa.
De amor—sorrir.

Tu és muito linda,
Formosa Lucinda,
Qual rosa que ainda
Desabre o botão ;
E's casta e formosa,
Qual flor amorosa
Que vive saudosa
Na casta isenção

Aceita oh ! lindinha
A linda rosinha,
Gentil, galantinha,
Do seio das flores ;
Ella é primorosa,
Fragrante, cheirosa,
Nascida, mimosa
No valle de amores.

Sonhos fagueiros

Quando dormires, sonha comigo,
Sonhos fagueiros, sonhos d' amor ;
Se assim sonhares comigo, oh ! virgem
Sonharei contigo, oh ! linda flor !

Sonha comigo, sonhos de amor,
Que eu sonharei, contigo, oh ! flor.

Lembra-te, oh ! virgem, de quem te adora
Na dura ausencia do teu amor :
Sonha comigo, pois se sonhares
Sonharei contigo oh ! linda flor !

Sonha comigo, etc.

Quando sozinha tu meditares,
Nas doces provas do nosso amor ;
Sonha comigo, pois se sonhares
Sonharei contigo, oh ! linda flor !

Sonha comigo, etc.

Um olhar terno, um riso meigo,
Em paga dá-me de tanto amor ;
Que eu rendido p'los teus carinhos
Sonharei contigo, oh ! linda flor.

Sonha comigo, etc.

Amor me vio não fez caso

Amor me vio não fez caso,
Zombou a cruel fementida,
Tendo um rival a seu lado
Ingrata roubou-me a vida.

Por Deus que a vida é um sonho
Quando ella nos sabe amar ;
Mulher que tanto adorei
Hoje me quer desprezar.

Mulher por Deus eu te juro
Que ainda te tenho amor ;
Se tu me fores constante
Eu serei teu trovador.

Por Deus que a vida é um sonho, etc.

Mulher por Deus eu te peço
Que nunca me dês um rival
Tu és um anjo da terra
E's um anjo divinal.

Por Deus que a vida é um sonho, etc.

Eu quizera ser eterno

Eu quizera ser eterno
Para teu amante ser,
Como eterno ser não posso
Hei de amar até morrer.

Menina, se eu não te amo
Um passo não chegue a dar ;
A propria terra era que piso
Póde mesmo me faltar.

Ah ! meu bem, se eu te não amo,
O Deus do céu não me escute ;
Nem o sol me allumie,
Nem a terra me sepulte.

Ainda depois de morto,
Debaixo de frio chão,
Acharás teu nome escripto
No meu terno coração.

O sonho

Sonhei que leda viestes
Junto á meu leito cantar,
Um canto que me dizia :
Bardo não sabes amar.

Era sonho, era sonho,
Era sonho enganador,
Quizera viver sonhando
Só contigo, anjo — d'amor.

Quiz provar-te com um beijo
Que sabia o que era amor,
Fugiste toda enfadada
Tingio-te a face o rubor.

Era sonho, era sonho,
Era sonho enganador.
Quizera viver sonhando
Só contigo anjo — d'amor.

Mas ah ! sorrindo voltastes
Davas-me a face, acordei ;
Sorri-me do meu desejo,
Era mentira, sonhei.

Era sonho, era sonho,
Era sonho enganador,
Quizera viver sonhando
Só contigo, anjo — d'amor.

Supplica

(MODINHA BAHIANA)

Desde que vi-te, formosa,
Mais seductora que a huri,
N'um dos raios de teus olhos
Minha existencia preendi.

Tu me dás quando te vejo,
Oh ! pura visão de amor,
Em cada olhar — uma aurora,
Em cada riso — uma flor.

Embora a sorte me faça
Da dôr o calix sorver,
Adorar-te — é meu consolo
Minha alegria — te ver.

Tens duas azas
Meu cherubim,
Desata o vôo,
Vem para mim.

Abre á minha alma
O seio teu :
Tu és Marilia,
Eu sou Dirceu.

RECITATIVOS

Um teu doce agrado

(D. CANDIDA ISABEL DE FINHO COTRIM)

Eu amo as flores em manhã serena
Frescas, viçosas, perfumando o prado,
Porém adoro, amo mais ainda
Um teu sorriso, um teu doce agrado.

Eu amo os cantos maviosos, puros,
Gorgeios brandos de mimoso alado,
Mas... ah! que amo, mais prazer me dá
Um teu sorriso, um teu doce agrado!

Eu amo ver em deserta praia
O mar sereno qual leão domado,
Porém mais amo, mais prazer me dá
Um teu sorriso, um teu doce agrado.

Eu amo as meigas e ternas caricias
Da mãe querida ao filhinho amado,
Mas, mais eu amo um carinho teu
Um teu sorriso, um teu doce agrado.

Eu amo ouvir acordes santos
D'orgão divino em templo sagrado,
Mas amo... adoro com fervor maior
Um teu sorriso, um teu doce agrado.

Eu amo os brincos d'infantil menino
Que folga isento do menor cuidado,
Porém amo muito mais que tudo
Um teu sorriso, um teu doce agrado.

Minhas crenças

(V. DE CARVALHO)

São minhas crenças sepulchraes delirios,
Lyrios fanados pelo pó da estrada,
Rosas mirradas ao romper da aurora,
Ora dispersas por atroz nortada.

São da pureza, no acordar da infancia,
Ancia de virgem... esvaído sonho,
Do templo annoso na fendida nave
Ave da noite— de piar medonho.

São—alta noite—dos tufões quebrado
Brado de morte em convulsivo aneio ;
Ai, pobre esp'rança de cruel saudade,
Ha de o sepulchro congelar-te o seio.

São seccas folhas de queimado arbusto,
Busto de archanjo do Eden tombado ;
São das tormentas ao bramir horrendas
Rendas de espuma sobre o mar irado.

Qual do Sahara caminheiro errante
Ante as montanhas de areiaes erguidas,
Exhausto imploro da existencia o termo,
Ermo de tantas illusões perdidas.

Se attento ao longe do passado o extremo,
Tremo de abysmo que engolfou-me os annos !
Busco a ventura, do sonhar desperto,
Perto do termo de lethaes enganos.

Mas... se de virgem seductora e linda
Inda escutasse n'um sorrir meus cantos;
Se ainda visse sobre as brancas vestes
Estes meus versos se orvalhando em prantos;

Ai, se dos olhos, qual ardente estrella,
Ella quizesse me outorgar fulgores,
Crenças bebia nos gentis sorriso?,
Risos hebera desse céo de amores !

A' minha estrella

(CORDEIRO JUNIOR)

Se acaso a brisa que perpassa alegre
Pedir-te um riso suspirando então,
Tu que dos anjos recebeste a graça
Serias impia lhe dizendo não ?

Se a rubra rosa que entrelaça encantos
Em teus cabellos almejasse abrigo,
Terias força p'ra roubar-lhe a vida,
E dar-lhe a morte com poder imigo ?

Se argentea lua retratando as fôrmas
Nas brandas aguas de um formoso lago,
Viesse á terra te offertar caricias,
Tu lhe negáras o teu rosto mago ?

Se em longas horas de soidão, tu'alma
Ao céo guiasse teu sonhar de flores,
Tu buscarias despertar de um gozo
Todo delicias, recordando amores ?

E se algum dia, de ufania cheio,
Joven amante t'implorasse a mão,
E n'ella um beijo pretendesse dar,
O que farias? lhe dirias não?

Serei a brisa, a purpurina rosa,
Lua argentina a te pedir fulgor,
E, como um anjo, tu serás na terra
Enlevo ameno de um viver de amor.

Não sei mas sei

(FELICIANO LEITÃO)

Não sei dizer-te quanto tenho n'alma,
Nem sei contar-te quanto soffro e sinto;
Mas sei que vivo, que te prézo e muito,
Sei que em meus sonhos teu amor presinto.

Não sei fallar-te n'um fallar de amores,
Nem sei expor-te o anhelar do peito;
Mas sei mostrar-te meus laureis de gloria,
Sei que aos teus rogos viverei sujeito.

Não sei se a sorte mudará meu fado,
Nem sei se a vida me será risonha;
Mas sei que embora do porvir descreia
Minh'alma é linda se contigo sonha.

Não sei se a brisa me trará perfumes,
Nem sei se a lua de meu céu não dista;
Mas sei que a aurora para mim desponta
Quando minh'alma teu semblante avista.

Não sei se ha flores no existir de infantes,
Nem sei se ha fructas na estação de amores !
Mas sei que existem sobre um chão d'espinhos
Meus cinco lustros de continuas dores.

Não sei se ha risos quando um peito soffre,
Nem sei se ha prantos quando amor se goza ;
Mas sei que ás vezes, de prazer vestido,
Meu peito o luto sem querer desposa.

Não sei dizer-te o que tenho n'alma,
Nem sei contar-te, quanto soffro e sinto ;
Mas sei que vivo, que te prézo e muito,
Sei que em meus sonhos teu amor presinto.

A joven morena

(GETULIO DE MENDONÇA)

Morena eu amo-te com fatal loucura
Na vida impura, que me dá prazer ;
Morena eu amo-te, meigamente fallo,
Suspiro exhalo n'um cruel soffrer.

Amor é fogo que s'ateia n'alma
Na pura calma d'um ditoso sonho ;
Amor é vida que se esvai ligeira,
Aura fagueira de um porvir risonho.

Vi-te n'um baile, n'um salão dourado
E fui, curvado, te adorar, meu anjo !
Estavas bella, tão gentil serena,
Eras morena, meu celeste archanjo.

Depois que vi-te, n'um valsar ardente
Busquei demente protestar-te a nores,
E quando um dia te pedi carinhos
Ai ! tive espinhos de cruentas dores !

Fitei meus olhos no teu-rostto virgem,
Senti vertigem perpassar por mim ;
Porém não pude desviar-me louco
Ai ! pouco a pouco, fugiste emfim.

Amei-te muito com fatal delirio
Que o meu martyrio, abandonaste emfim,
Foste ingrata, desprezaste a sorte,
Buscaste a morte, e me entregaste alfim.

Que importa a vida no illusorio mundo
Se é tão profundo meu soffrer e sorte,
Se desprezado vivirei, carpindo,
Chorando ou rindo buscarei a morte !

Perfumes d'alma

(VERISSIMO DO BOMSUCCESSO JUNIOR)

Mancebo escuta o que eu ouvi no mundo,
Sentir profundo, soffrimento, dôres ;
Risos de gelo, bem amargo pranto,
Lugubre canto no mausuléo de amores.

Amor não vi no fallar da virgem,
Nem na vertigem de voraz paixão ;
Só vi enganos, mentirosos sonhos,
Écos medonhos de cruel traição !...

Pulsar não vi um coração sómente,
Nem ternamente murmurar amor !...
Só vi desprezo, a mentira impura,
A desventura, no gemer da dor.

Não vi um riso nem um casto beijo,
Terno desejo de um coração amante ;
Só os sorrisos de infernal traição,
A ingratição a se ostentar constante.

O vicio eu vi — bem veloz correr,
E se perder no turbilhão das salas ;
Eu vi corôas lá no chão tombadas,
E já manchadas da donzella as galas.

Pasmei ao ver, no alcouce, ellas,
Mulheres bellas a vender amor ;
Vi suas faces com a cor da morte
Pungente sorte, que lhe deu a dor.

Chorei ao ver, uma virgem linda,
De dor infinda, praguejar, descrida !...
Vendo que era por seu pai mandada !
Era arrastada ao altar, vendida !

Amor não queiras, porque amor é morte,
Começo forte de um gemer profundo ;
Amor não queiras porque amor não ha,
Nem ella o dá a ninguem, no mundo !...

Venus

(G R O S E B)

Vem, minha estrella, que te espero ancioso,
Astro garboso a irradiar no céo ;
Vem, rutilando, a despargir venturas
Lá nas alturas a fugir sem véo.

Amo-te ao ver-te, encantadora e bella,
Oh ! minha estrella, corpo que seduz ;
Contemplativo olho-te, mimosa,
Qual mariposa que procura a luz.

Venus esbelta que no espaço infindo,
De aspecto lindo vens amor saudar ;
Oh ! como ao ver-te tão feliz me sinto
Quando presinto tua luz brilhar !

Ignea faisca, que minh'alma inflamma
Com essa chamma magnetisadora ;
No azul celeste quando te namoro
De prazer choro, minha seductora.

Tu és a imagem do objecto amado,
Que cativado tem minh'alma afflicta...
Parece, ao ver-te, que a meu seio aperto
Seu corpo esbelto, de belleza infinita.

Seu lindo rosto, sua tez mimosa,
Boca graciosa de um gentil sorrir ;
Negros cabellos, elegante porte
Que n'um transporte faz amor sentir.

Terno carinho que de amor cativa,
Que ao ente priva ao coração da calma ;
Quem póde vel-a sem sentir d'amores,
Suaves dores que nos pungem n'alma.

Recordação

Triste lembrança de um passado ameno,
Que tão sereno me sorria outr'ora ;
A vida era para mim delicias...
Essas caricias — almejava agora...

Mas hoje, dura me tem sido a sorte,
Porém seu norte seguirei ao fim :
Suspiros tristes magoados prantos
São os encantos de um viver assim.

Se da vida os gozos desfructar pudera,
Então quizera te offertar um canto ;
Os tristes ais se tornarião beijos,
Loucos desejos qu'almejava tanto.

Não póde o tempo despertar n'est'alma
A doce calma de um viver de flôres ;
Não póde o tempo apagar da mente
Aquelle ente que me deu amores.

Se um dia a vida me offertar venturas,
Gozos, ternuras, sem cruentas dores ;
Serei feliz, despertará nest'alma
A doce calma de um viver de amores.

Porém se a sorte não quizer poupar-me,
E offertar-me em vez de gozos—dores
Com a fronte baixa, entregarei meus braços
Aos doces laços da prisão de amores.

Escuta...

(DR. PEDRO DE CALAZANS)

Se para amar-te fôr mister martyrio
Com que delirio, saberei soffrer !
Se de altas glorias fôr mister a palma,
Talvez minh'alma possa além colher...

Quebrar cadêas, conquistar um nome,
Que não consome o perpassar das éras ;
Arcar com as furias de iracundos nortes,
Soffrer mil mortes, sem morrer devéras ;

Nas proprias carnes apertar cilicios,
Nos sacrificios, ter sereno rosto ;
Pisar descalço sobre espinhos duros,
Com pés seguros, com signaes de gosto ;

Longe da patria, no paiz mais feio,
Do tédio em meio para amar-te, irei
Viver, embora, sobre a zona ardente
E alli contente por te amar serei !...

E a ser amado, se é myster o incenso
Que sobe denso dos salões aos tectos ;
Serei altivo, mas não irei de rastos,
Com labios castos mendigar affectos !

E se me odeias, por não ir ás salas
Dizer-te as fallas de mendaz paixão,
E, aos olhos de outros, profanando extremos,
Dizer-te :— amemos —, apertar-te a mão...

Dá-me teu odio, pois, não quero, escuta,
Beber cicuta — procurando mel ;
Dá-me teu odio, mas em gráo subido,
Embora ungido de amargoso fel !

Dá-me teu odio, por fatal sentença !
A indiferença me será peor ;
Que um sentimento por mim ténhas n'alma,
Dá-me essa palma de soffrer melhor.

Um sonho

(VEIGA)

Dormia... minh'alma, de amor combatida,
Gemia ferida de intenso delyrio...
O mundo era um templo, a lua clara
Sorria saudosa, qual mystico cyrio.

Os ventos quebravam, nos mares dormentes
Aos raios fulgentes da lua esplendiam...
Nem vagos murmúrios, nem cantos das aves
Rangentes, suaves, ao longe, se ouviam.

Fugazes neblinas, o disco da lua
Ao vél-a tão núa, ás vezes, velayam ;
Mas, logo os bafêjos de tepida aragem
A lucida imagem da Deosa mostravam.

Mil puras estrellas, que outr'ora fulgiam,
Seu brilho perdiam na limpida esphéra...
A lua imperava, e o mundo prostrado,
Dormia embalado por doce chiméra !

Que santo mysterio, na tétrica selva !
Dos campos sem relva, que grata frescura !
Nos ares tão puros, que vivos perfumes !
Que pallidos lumes, na negra espessura !

Na esteira alvascenta de praia formosa,
Eu vi, vaporosa, mulher ou visão !
Ao vê-la, minh'alma, de amores perdida,
Julgou-se ascendida na etherea mansão.

Que olhos ! que boca ! que collo ! que rosto !
Que raro composto ! que maga poesia !
Da virgem — prodigio na voz commovida,
Que nenia sentida ! que branda harmonia !

Seus longos cabellos, tão negros e soltos,
Cahiram revoltos nos nitidos seios...
E as faces de neve rosadas ficavam,
Se acaso a agitavam pudicos enleios.

Já triste captivo, um culto fervente
Votei-lhe de affecto sublime...
E a virgem, sorrindo, faceira, medrosa,
Me disse amorosa : mancebo ! segui-me !

Qual vôa no espaço a ligeira setta,
Qual rubro cometa, rasgando a amplidão,
Assim, pela praia, lancei-me arroubado,
Nas azas levado de ardente paixão.

E a virgem, fugindo, qual corsa ligeira
Que ouvio na clareira, suspeitos rumores,
Corria, corria, em fervida lida,
Sem tino, impellida por vagos temores.

E eu, pobre demente, corria após ella,
E a varia donzella corria tambem ;
Se acaso na praia um monte s'erguia,
A virgem sorria, dizendo-me : além !

Sem forças, cansada de infrene carreira,
A virgem loureira sentou-se, por fim ;
E eu, crente no effeito do brando desmaio,
Voei como um raio ao meu seraphim.

Fruindo já n'alma, mil puras delicias,
Gostosas primicias, meu anjo alcancei ;
E prestes já ia de amor saciar-me ;
Mas, ouço chamar-me, e nisto acordei !

Que negro destino ! Que até mesmo em sonho
Um quadro risonho nem dura um momento !
Oh ! nunca na terra mulher caridosa
Virá suspirosa, findar meu tormento.

Minh'alma é triste

(CASIMIRO DE ABREU)

Minh'alma é triste como a róla afflicta
Que o bosque acorda desde o albor da aurora.
E em doce arrulo que o soluço imita
O morto esposo gemedora chora.

E, como a róla que perdeu o esposo,
Minh'alma chora as illuções perdidas,
E no seu livro de fanado gozo
Relê as folhas que já foram lidas.

E como notas de chorosa endeixa
Seu pobre canto com a dor desmaia,
E seus gemidos são iguaes á queixa
Que a vaga solta quando beija a praia.

Como a criança que banhada em prantos
Procura o brinco que levou-lhe o rio ;
Minh'alma quer resuscitar nos cantos
Um só dos lyrios que murchou o estio.

Dizem que ha gozos nas mundanas galas,
Mas eu não sei em que o prazer consiste,
—Ou só no campo, ou no rumor das salas,
Não sei porque—mas a minh'alma é triste !

Minh'alma é triste como a voz do sino
Carpindo o morto sobre a lage fria ;
E doce e grave qual no templo um hymno,
Ou como a prece ao desmaiar do dia.

Se passa um bote com as velas soltas,
Minh'alma o segue n'amplidão dos mares ;
E longas horas acompanha as voltas
Das andorinhas recortando os ares.

A's vezes louca, n'um scismar perdida,
Minh'alma triste vai vagando atôa,
Bem como a folha que do sul batida
Boia nas aguas de gentil lagôa !

E como a rola que em sentida queixa
O bosque acorda desde o albor da aurora,
Minh'alma em notas de chorosa endeixa
Lamenta os sonhos que já tive out'rorá.

Dizem que ha gozos no correr dos annos !...
Só eu não sei em que o prazer consiste,
— Pobre ludibrio de crueis enganós,
Perdi os risos—a minh'alma é triste !

Minh'alma é triste como a flor que morre,
Pendida á beira do riacho ingrato ;
Nem beijos dá-lhe a viração que corre,
Nem doce canto o sabiá do mato !

E como a flor que solitaria pende
Sem ter caricias no voar da brisa,
Minh'alma murcha, mas ninguem entende
Que a pobresinha só de amor precisa !

Amei outr'ora com amor bem santo
Os negros olhos de gentil donzella,
Mas dessa fronte de sublime encanto
Outro tirou a virginal capella.

Oh ! quantas vezes a preendi nos braços !
Que o diga e falle o laranjal florido !
Se mão de ferro espedaçou dous laços
Ambos choramos, mas n'um só gemido !

Dizem que ha gozos no viver de amores,
Só eu não sei em que o prazer consiste !
—Eu vejo o mundo na estação das flores...
Tudo sorri—mas a minh'alma é triste !

Minh'alma é triste como o grito agudo
Das arapongas no sertão deserto ;
E como o nauta sobre o mar sanhudo,
Longe da praia que julgou tão perto !

A mocidade no sonhar florida
Em mim foi beijo de lasciva virgem ;
—Pulava o sangue e me fervia a vida,
Ardendo a fronte em bacchanal vertigem.

De tanto fogo tinha a mente cheia !...
No afan da gloria me atirei com ancia...
E, perto ou longe, quiz beijar a sereia
Que em doce canto me attrahio na infancia.

Ai ! loucos sonhos de mancebo ardente !
Esp'ranças altas... Eil-as já tão razas!...
— Pombo selvagem, quiz voar contente...
Ferio-me a bala no bater das azas !

Dizem que ha gozos no correr da vida...
Só eu não sei em que o prazer consiste !
— No amor, na gloria, na mundana lida,
Foram-se as flores—a minh'alma é triste !

A Judia

(THOMAZ RIBEIRO)

Corria branda a noite ; o Tejo era sereno ;
A riba, silenciosa ; a viração, subtil ;
A lua em pleno azul erguia o rosto ameno ;
No céu, inteira paz ; na terra, pleno abril.

Tardo rumor longinquo ; airoso barco ao largo
Bordava aureo listrão do Tejo ao manto azul ;
Cedia a natureza ao celestial lethargo ;
Traziam meigos sons as virações do sul.

Oh ! noite de Lisboa ! oh ! noite de poesia !
Auras cheias de aroma ! esplendido luar !
Vastos jardins em flores ! suavissima harmonia !
Transparente, profundo, infindo, o céu e o mar !

Se a triste da Judia ousasse ter desejo
De patria sobre a terra, aqui prendera o seu :
Um bosque sobre a praia, um barco sobre o Tejo,
E eleito da minh'alma um coração só meu !...

Corria branda noite ; immersa em funda magua
Fui assentar-me triste e só no meu jardim ;
Ouvi um canto ameno e um barco ao lume d'agua.
Vogava brandamente. A voz dizia assim :

— « Dormes? que eu velo, seductora imagem,
Grata miragem que no ermo vi ;
Dorme—impossivel—que encontrei na vida !
Dorme, querida, que eu descanto aqui !

Dorme ! eu descanto a acalantar-te os sonhos
Virgens, risonhos, que te vem dos céos !
Dorme ! e não vejas o martyrio, as magoas,
Que eu digo ás aguas, e não conto a Deus !

Anjo sem patria, branca fada errante,
Perto ou distante que de mim tu vás,
Ha de seguir-te uma saudade infinda,
Hebrêa linda, que dormindo estás !

Onde nasceste ? onde brincaste, oh ! bella !
Rosa singela que não tens jardim ?
No Cairo ? em Malta ? em Nazareth ? no Egypto ?
Mundo infinito, e tu sem berço ? ! oh ! sim.

Folha que o vento da fortuna impelle !
Victima imbelle que um tufão roubou !
Flor que n'um vaso se alimenta, cresce,
Ri, desaparece, e nunca mais voltou !

Filha d'um povo perseguido e nobre,
Que ao mundo encobre o seu martyrio, e crê !
Sempre Ashavero a percorrer a esphera !
Desgraça austera ! inabalavel fé !

Porque ha de o lume de teus olhos bellos
Mostrar-me anhelos d'infinito ardor ?
Porque esta chamma a consumir-me o seio ? . . .
Deus de permeio nos maldiz o amor ! . . .

Peito ! meu peito, porque anceias tanto ?
Pranto ! meu pranto, basta já, não mais !
E sina, é sina ! remador, voltemos ;
Não n'a acordemos . . . para que, meus ais ? . . .

Dorme, que eu velo, seductora imagem,
Grata miragem que no ermo vi ;
Dorme — impossivel — que encontrei na vida !
Dorme, querida, que eu não volto aqui !

Elvira

(J. FERREIRA NEVES)

Serenos threnos de alaúde rude
Da juventude, venho aqui depôr :
Sonhando, amando teus encantos santos,
Virgem, meus cantos pedem só amor !

Formosas rosas n'esse rosto-posto
Ha só por gosto da natura a mão ;
Teu seio cheio de ternura pura,
Tem na brancura virginal condão !

Não minto. Sinto que minh'alma a palma
Sonha da calma n'esse teu sorrir. . .
Tristonhos sonhos do futuro eu juro,
Teu riso puro poderá banir !

Florida a vida se tornara, e cara,
Se pouco avára fosses tu no amar ;
De amores dores não carpira a lyra,
Se alento, Elvira, me quizesse dar !

Divinos hymnos — não lamentos lentos,
Soltára aos centos teu fiel cantor,
Se anhelos bellos, perfumosos gozos,
Dias ditosos, lhe trouxesse amor !

Meu peito, leito de amarguras duras,
De crenças puras se nutríra um dia,
Se Elvira dira a meus amenos threnos
Dissesse ao menos que valor daria !

Outr'ora e hoje

(J. DE L.)

Outr'ora, entregue aos devaneios d'alma,
Meu peito em calma com prazer bateu,
Hoje saudoso seu passado imploro,
Triste deploro quanto já perdeu.

Outr'ora altivo o coração se erguia
N'essa alegria que o prazer transluz...
Hoje, coitado ! nem um beijo, um riso,
Alma sem viso, sem calor, sem luz...

Outr'ora os sonhos que sonhei contente
A minha mente me beijou de amor,
Hoje dos sonhos que sonhei na infancia
Foge a fragrancia, existindo a dor !

Outr'ora os gozos que gozou infindos,
—Que gozos lindos que o viver seduz !
Hoje sem norte a trilhar, choroso—
Procuro ancioso entre as trevas—luz !—

Outr'ora um lyrio de jardim ameno,
Lindo, sereno, no prazer das galas,
Hoje cahido, desfolhado, murecho,
Vive sem luxo sob o pó das salas.

E tanto amor e tanta gloria e ancias,
Doces fragrancias que gozei no amor,
Foi como o fumo—só me resta em herança
Triste lembrança, o definhar-me em dor.

Visão

(LUCIO LULA)

Se tu sentisses dentro d'álma a chamma
Que a vida inflamma, qu'a destroe por fim,
Victima incauta da paixão serias ;
E então terias compaixão de mim.

Se tu soubesses do segredo casto
Que mudo arrasto á um cançar assim ;
Tredos estragos do dragão verias,
E então terias compaixão de mim.

Queres qu'eu conte minha triste historia,
Que da memoria nunca mais perdi ?
Ouve, querida, n'um silencio mudo,
Que eu conto tudo, mas só conto a ti.

Conto, e não digas, a ninguem transmittas
Estas desditas de tão negra côr...
Attende, attende, minha historia ingrata
Que mal retrata meu intenso amor.

Attende, attende : e se és visão, se és anjo,
Fada, ou archanjo, divindade, emfim,
Sei que me vendo no fatal deserto,
Terás de certo compaixão de mim.

Era uma noite de frescura amena,
Noite serena qual sorrir de Deus ;
Noite em que a lua todo céu devassa,
E a terra abraça com um sorrir dos seus.

Era uma noite de eternal magia...
No céu se via um esplendor sem fim ;
Na terra a brisa murmurando amores,
Por entre as flores só dizia—sim.

Era uma noite de sublime encanto...
Noite sem manto de funereo véo ;
Noite de amores que mysterio encerra,
Noite em que a terra se assemelha ao céu.

Se o céu tem nuvens, tem a terra flores ;
Se o céu fulgores, tem-nos cá também ;
Se o céu tem crentes, tem a terra archanjos,
Se o céu tem anjos, também anjos tem.

E um anjo eu via nesta noite amena,
Noite serena, sem negror nem véos ;
Em cima a lua, fulgurante archanjo,
Em baixo o anjo, que desceu dos céos.

Era fulgente a aparição que eu via,
Como ardentia que salpica o mar ;
Cegou-me o brilho de seus olhos bellos,
Creei anhelos no seu meigo olhar.

Ai ! deslumbrado de belleza tanta,
Que a vida encarta, qu' a destroe por fim,
Eu tive medo que a razão fugisse,
E se extinguisse a consciencia em mim.

Lhe ornava a fronte diadema augusto
De immenso custo : — o ideal de amor,
Nos labios rubros se aninhava um beijo,
A' face o pejo lhe fornece a côr.

Patria querida de gentis amores,
— Jardim de flores que perfumes tem,
O collo esbelto, sem collar nem fita,
A mente excita, e a paixão também.

Trança lustrosa dos cabellos d'ouro
Fôrma um thesouro que a razão seduz,
Porte, cintura e ademans, simpleza,
Tudo é belleza, formosura e luz.

Tão lindo o anjo, radiante e bello...
Que, louco, ao vél-o esplendoroso assim
Amei-o muito; e meu amor contando,
Pedi chorando compaixão de mim.

E a prece, o rogo, minha queixa ouvindo
O anjo lindo que na crença amei,
Disse mostrando carregado cenho :
Amor não tenho, porque amar não sei.

E tu, querida, vaporoso archanjo,
Eras o anjo que fallou-me assim,
Dei-te meus sonhos, teu rigor me déste ;
Nunca tiveste compaixão de mim.

Bem sei, bem sei, n'outro amor te inflammas,
Qu' a outrem amas !... E eu só amo a ti,
Ai que desdita !... que existencia escura...
Quanta ventura, quanto amor perdi...

Que mais me resta da fatal sentença ?
Resta a descrença da visão que eu vi,
Sonhos dourados, esperanças bellas,
Flores singelas, illusões perdi.

Basta ; já sabes o fatal segredo
Que faz o enredo do meu louco amor...
Ah ! se persistes no desprezo ingrato
Aceita o trato ; e morrerei de dor.

A ella...

(ANILORAC)

Quando, encantado, pela vez primeira
Te vi faceira seductora e linda...
Senti nas fibras de meu peito moço,
Certo alvoroço que jámais se finda !

Então... scismando no teu porte altivo,
Tristonho vivo sem allivio achar !
E ás horas mortas do cahir do dia,
Vai-se a alegria... começo a pensar !

Oh ! como é triste, na manhã da vida,
Sentir ferida de paixão a alma !...
Meu Deus, sou fraco p'ra tão dura sorte
Mandai a morte... soffrerei com calma.

Aos meus, eu peço, qu'em vez de oração,
Deem o perdão para os restos meus !
E á mãe querida, que está longe agora,
Mando n'esta hora, o meu terno—adeus.

E tu, donzella, que meu peito inflammas,
Co'as vivas chammas de atroz amor...
Quando a tristeza te crestar a cor,
Lembra-te, oh ! flor, qu'eu morri de dor !

Outr'ora

(ALMEIDA CUNHA)

Afagos magos e venturas puras,
Donzella, outr'ora já gozei por ti,
Immensas crenças na perdida vida
Dentro em meu peito com prazer senti.

De enleio o seio palpitante, amante,
Ai ! muitas vezes palpitou de amor ;
Minh'alma a palma da magia via
Dos teus amores na primeira flor.

Immerso em berço de risonhos sonhos
Meu pensamento vagueou no céu ;
Sereia cheia de auguros puros,
Porque rasgaste o pudibundo véo ?

Amei-te, dei-te do meu peito a eito
Toda a esperança, todo o amor e fé ;
Não via, cria que a donzella bella
Só ergueria meu amor de pé.

Vira da lyra, nos divinos hymnos,
Uma esperança a desabrochar em flor ;
Nas scismas—prismas, nos amores—flores,
Nas crenças—vida, e n'essa vida—amor.

Da lyra ouvira, nos amenos threnos,
A tua doce e embriagante voz ;
Sonhando, amando, no meu seio veio
Lançar as garras um ciume atroz.

Trahiste ; riste dos encantos tantos,
Que promettião divinal porvir ;
Mataste, eivaste uma ventura pura
No venenoso d'esse teu sorrir.

Outr'ora—a aurora de ditosos gozos...
Hoje—amargura que para mim sorri !
Outr'ora—aurora de risonhos sonhos...
Hoje—a saudade d'esse amor por ti.

A' tarde

(BENJAMIN LABOTTIÈRE)

Não imaginas como é bella a tarde !
O peito arde com saudades mil,
Ao doce aroma d'essas flores bellas,
Lindas, singelas, sob um céu de anil.

Além murmura na folhagem a brisa,
E apoz deslisa do riacho ao leito,
E a meiga rola, no laranjal florido,
Solta um gemido ao soluçar do peito.

O orvalho desce em crystallinas gottas,
—Perolas soltas esmaltando as flores—
Quando talvez... bem palpitam os seios.
N'esses anceios virginaes amores.

Triste suspira a jurity saudosa,
Bella e formosa da collina á margem,
E sobre a rosa o colibri mimoso
Balouça airoso ao perpassar d'aragem.

Lá no occaso, descambando ardente,
Morre fulgente o bello rei dos astros ;
Como o navio que n'horizonte louco,
Vai pouco a pouco escondendo os mastros.

E' — uma idéa d'esses sonhos bellos,
D'esses anhelos que ao coração pulsou ;
E' a imagem de um amor primeiro,
Sonho fagueiro que morreu... passou...

E' curta a vida

(CANDIDA ISABEL DE PINHO COTRIM)

E' curta a vida ao mortal ditoso,
Que venturoso goza alegre o mundo ;
E' curta a vida se jámais sentio
Se nunca o ferio um pezar profundo.

E' curta a vida se ha n'ella gozos
Ternos, mimosos, d'um viver de amores ;
E' curta a vida se corre serena
Doce e amena qual viver de flores.

E' curta a vida se um amor eterno
N'um peito terno bem voraz se accende ;
E' curta a vida, se goza contente
O meigo ente que o seduz e prende.

E' curta a vida quando ha n'ella encantos
Prazeres tantos que á mente assaltam ;
E' curta a vida se n'ella gozamos
Se desfructamos delicias que matam.

Para mim, que gozo a suprema dita,
Grande, infinita, de viver contigo,
E' curta a vida, e mais curta ainda
A ventura infinda que gozas commigo.

E' curta a vida — e só peço a Deus
Carinhos teus p'ra sempre gozar ;
Longe o desgosto — que não venha a dor
Tão puro amor jámais perturbar.

Eu amo

(H. O. CAMPOS)

Eu amo a tarde quando o sol sumindo,
Se vai sentindo de frescura o ar :
No ninho as aves, no redil o gado
Do campo, ou prado, já vem repousar.

Eu amo a noite mais serena e bella
Que um céu de estrellas semeado tem ;
Eu amo a lua que no limpo céu
De branco véo vem surgindo além.

Eu amo a fonte que sussurra grata
Na noite alta, no silencio e paz ;
Amo o regato que no bosque escuro
N'um ar bem puro murmurio faz.

Eu amo as vezes repetidas, tantas,
Que o gallo canta já prevendo o dia ;
E amo a Venus quando escuro ainda
Tão meiga e linda lá no monte brilha.

Eu amo o céu quando luz d'aurora
As nuvens doura no nascente fina ;
Eu amo a Alva quando o dia vindo
Se vai sumindo lá no céu divina.

Eu amo a brisa quando embala as flores,
Que mil primores orvalhadas tem ;
Eu amo o Zephiro que nos traz frescores,
Amo os odores que do campo vem.

Eu amo a terra, amo os mares, os céos,
Eu amo a Deus, o da Natura Autor ;
Eu amo a lua, mais o sol, estrellas,
As flores bellas traduzindo — amor !

Amor e medo

(C. DE ABREU)

I

Quando te fujo e me desvio cauto,
Da luz, do fogo, que te cerca, ó bella,
Comtigo dizes, suspirando amores :
Meu Deus ! que gelo, que frieza aquella.

Como te enganas ! meu amor é chamma,
Que se alimenta no voraz segredo ;
E se te fujo, é que te adoro louco ;
E's bella, eu moço ; tens amor, eu medo !...

Tenho medo de mim, de ti, de tudo,
Da luz, da sombra, do silencio ou vozes,
Das folhas seccas, do chorar das fontes,
Das horas longas a correr velozes.

O véo da noite me atormenta em dores,
A luz da aurora me intumece os seios ;
E ao vento fresco do cahir das tardes
Eu me estremeço de crueis receios.

E' que esse vento, que na varzea, ao longe
Do colmo o fumo caprichoso ondêa,
Soprando um dia tornaria incendio
A chamma viva que teu riso atéa !

Ai ! se abrazado crepitasse o cedro,
Cedendo ao raio, que a tormenta envia,
Diz : que seria da plantinha humilde,
Que á sombra d'elle tão feliz crescia ?

A labareda que se enrosca ao tronco
Torrára a planta qual queimára o galho
E a pobre nunca reviver pudera,
Chovesse embora paternal orvalho !

II

Ai ! Se eu te visse no calor da sesta,
A mão tremente no calor das tuas
Amarrotado teu vestido branco,
Soltos os cabellos nas espadoas nuas !...

Ai ! se eu te visse, Magdalena pura,
Sobre o velludo reclinada a meio,
Olhos cerrados na volupia doce,
Os braços frouxos—palpitante o seio !...

Ai ! se eu te visse, em languidez sublime,
Na face as rosas virginaes do pejo,
Tremula a falla a protestar baixinho...
Vermelha a bocca, soluçando um beijo !...

Diz : — que seria da pureza d'anjo,
Das vestes alvas, do candor das azas ?
— Tu te queimáras, a pizar descalça,
— Criança louca,—sobre um chão de brazas !

No fogo vivo eu me abrazára inteiro !
Ebrio e sedento na fugaz vertigem
Vil, machucára com meu dedo impuro
As pobres flores da grinalda virgem !

Vampiro infame, eu sorveria em beijos
Toda a innocencia que teu labio encerra,
E tu serias no lascivo abraço
Anjo enlodado nos paúes da terra.

Depois... desperta no febril delirio
— Olhos pisados — como um vão lamento,
Tu perguntáras : — qu' é da minha c'róa?...
Eu te diria : — desfolhou-a o vento !...

Oh ! não me chames coração de gèlo !
Bem vês ; trahi-me no fatal segredo,
Se de ti fujo é que te adoro muito,
E's bella—eu moço ; tens amor, eu —medo !...

Miragem

(GREGORIO DE ALMEIDA)

Quando tu fallas, tua voz é o éco
Da voz de um anjo que do céo murmura ;
Quando me olhas — teu olhar é o mundo,
Que eu sonhei todo amor, todo ternura.

Quando pisas, parece que os aromas
Do nardo e do jasmim surgem do chão
Quando te ris, o céu abre-se ardente
Todo luz, todo amor, todo illusão!

Quando passas, o farfalhar das sedas
Faz palpar os corações com ancia;
Ha no teu rosto, no teu corpo todo
Um quê das brancas flores e da infancia!

Quando oras no templo, — os olhos baixos,
As mãos cruzadas, o sorrir nos labios —
Tu te assemelhas, anjo, ás creaturas
Cheias de fé, de amor, dos livros sabios...

Tu és tão santa, tão mimosa e pura
Que me parece, vendo-te tão calma,
Ser teu corpo uma soml:ra, ou seres toda
Harmonia, perfume, luz e alma!

Ha n'alvura da tez um quê das nuvens,
Raios do sol nas tuas louras tranças:
Ou és um mixto de neblina e rosas,
Ou um anjo mimoso de esperanças!

Maldito aquelle que te olhar, pensando
Tirar-te da innocencia o branco véo
Para te amar, sómente de joelhos...
Que tu não és da terra, mas do céu.

N. B.— Reproduzimos este recitativo, por ter sahido truncado no 1º volume.

Perdão

(J. S. S.)

Perdão, ó virgem, se n'um momento louco,
Fallei-te ha pouco te declarando amor,
Porque com arte, te mostrando esquiva,
Queres, altiva, tua vaidade expôr.

Perdôa sim, pois te imaginava um anjo,
Celeste archanjo, a me offerecer conforto;
Mas hoje vejo, tu és mulher sómente,
Qu'amor não sente, ou o coração tem morto.

Vi no teu gesto, nas contracções do rosto,
Tudo disposto p'ra infernal mentira,
Porém, ardendo na abrazadora chamma,
Minh'alma exclama, minha razão delira!...

E, desgraçado, como a victima imbelle,
Que a sorte impêlle a sacrificio horrendo,
Apóz phantasma, ou uma visão ridente,
Corri, demente, tanta esperança tendo.

Mulher vaidosa, de natural fingido,
Quiz abatido ter um escravo aos pés,
Fingia amar-me, meu coração lhe dei,
Mas só achei desdens e traições crueis.

Esse amor, que me dominára a alma,
Depõe a palma do mártirio... e morre;
Murchas as flores, que te offertára um dia,
Assim tão fria tua lembrança occorre!

LUNDÚS

A marrequinha

(FRANCISCO DE PAULA BRITO

Os olhos namoradores
Da engraçada yá-yázinha,
Logo me fazem lembrar
Sua bella marrequinha.

Yá-yá, não teime,
Solte a marreca,
Senão eu morro,
Leva-me a breca.

Se dançando a *brazileira*
Quebra o corpo yá-yázinha,
Com ella brinca pulando
Sua bella marrequinha.

Yá-yá, não teime,
Solte a marreca,
Se não eu morro,
Leva-me a breca.

Quem a vê terna e mimosa
Pequenina e redondinha,
Não diz que conserva presa
Sua bella marrequinha.

Yá-yá, não teime,
Solte a marreca,
Se não eu morro,
Leva-me a breca.

Na margem da Caqueirada
Não ha só bagre e tainha,
Alli foi que ella criou
Sua bella marrequinha.

Yá-yá, não teime,
Solte a marreca,
Senão eu morro,
Leva-me a breca.

Tanto tempo sem beber,
Tão *jururú*... coitadinha
Quasi que morre de sêde
Sua bella marrequinha.

Yá-yá, não teime,
Solte a marreca,
Senão eu morro,
Leva-me a breca.

E' bem bom, não dóe nem nada

Minha doce yá-yázinha
Quando está toda enfadada
Dá pancadinhas na gente...
E' bem bom, não dóe nem nada.

Gosto d'ella
Só por isso,
Que a pancada
Tem feitiço.

A's vezes bullo com ella
Para vél-a amofinada,
Dá-me e... puxa os cabellos,
E' bom não dóe nem nada.

Gosto d'ella
Só por isso,
Que a pancada
Tem feitiço.

Hontem brincando com ella
Pregou-me uma dentada,
Acclamei-lhe mesmo ferido :
E' bem bom não dóe nem nada.

Gosto d'ella
Só por isso,
Que a dentada
Tem feitiço.

Um dia dando-lhe um beijo
Pôz-me a lingua ensanguentada,
Então me rindo lhe disse :
E' bem bom não dóe nem nada.

Gosto d'ella
Só por isso,
Que seus modos
Tem feitiço.

O gatinho

Era um gatinho que eu tive
Um gatinho folgasão,
Quereis saber o seu nome ?
Eu o chamava Torrão :
Quereis sobel-o porque ?
Eu já vos digo a razão :

Era côr de azeviche,
Tinha colleira amarella,
Quem m'o deu, não sei se o conte...
Eu o furtei d'uma bella !
« E' mentira tenho zelos,
O gatinho deu-t'o ella ! »

Se te arrufas já commigo
Então não quero contar ;
Vai ouvindo a minha historia
Escuta, que has de gostar :
Eu o chamava Torrão
Porque era bravo a brincar.

Quando me via tristonho
Lamber vinha-me a mão,
Quando me via contente
Dava pulinhos no chão ;
Assim tomava o gatinho
De prazer um bom fartão.

Mas um dia, oh ! que ventura,
O gatinho era brejeiro,
Vio uma moça dançando
Foi-se a ella sorrateiro ;
Furtou-lhe a liga da perna
E fugio com ella ligeiro !

« Que foi feito do gatinho ? »
A moça logo que o via
Lembrando-se da graça
De prazer gostosa ria ;
Té que por descuido meu
M'o furtou n'um certo dia !

Os olhos de yá-yázinha

(GUALBERTO PEÇANHA)

Nunca vi olhos tão bellos
Como os da minha vizinha,
Dão a morte n'um instante
Os olhos de yá-yázinha.

Não tem a côr da saphyra,
Nem a côr da viuvinha,
Porém são côr da noite
Os olhos de yá-yázinha.

Elles são mui galantes
Como são os da vizinha,
Nos requebros fallam tanto
Os olhos de yá-yázinha.

Tambem tem olhos formosos
A minha cara priminha,
Mas não fallam, como fallam
Os olhos de yá-yázinha.

Eu encontrei no passeio
Uma gentil moreninha,
Era bella, mas não tinha
Os olhos de yá-yázinha.

Fiquei tãe apaixonado
Que disse a minha madrinha :
— Stou doente porque vi,
Os olhos de yá-yázinha.

Ando agora como anda.
No verão bella andorinha,
Tudo por ver um momento
Os olhos de yá-yázinha.

Não sei se são olhos de anjo
De princeza ou de rainha,
Só sei que me matam de amor
Os olhos de yá-yázinha.

Estrilho

São olhos lindos
De negra côr,
Os olhos d'ella
Cheios de amor.

Gentis você já vio já

Gentis, você já vio já
Yóyó mais si dotó?
Que deixa o peito da gentis,
Fazendo tátá sem dó?

Que ladrão que faz a gentis
Sentir por elle um bichinho,
Roendo o coração
Lhe penicando mancinho.

Você gentis não tem não,
Tambem seu camondonguinho,
Não tem amor, não quer bem
A algum yô-yózinho ?

Pois é doce, é bem gostoso
Ter a gentis seu ladrão,
Para alliviar as magoas
De seu triste coração.

Não ha gentis de bom gosto,
Do grande tom rigoroso,
Que não tenha seu Adonis
Seu trambolhinho amoroso.

O querer bem é amar
E' o gostar, do que é bom,
Não offende, não é crime,
E não é peccado, não.

Lundú das moças

Santo Antonio, meu santinho,
Attendei minha oração,
Eu prometto ter-vos sempre
Juntinho no meu coração.

Livrai-me do laço
Oh ! meu Santo Antonio
Para que o demonio
Não venha tentar,
A dar-vos um banho
No fundo do mar.

Dai-me um noivo, meu santinho,
Um noivo gordo ou bem magro,
Que me adore, e recompense
O amor que lhe consagro.

Livrai-me do laço
Oh! meu Santo Antonio, etc.

Não quero dos que fallam
Em bailes, funcões sómente,
Que esses tirados d'ahi
A fórma só tem de gente.

Livrai-me do laço
Oh! meu Santo Antonio, etc.

Não me dès d'estes que fallam
Com modos de santarrão,
Que cochicham segredinhos
Limpando as unhas da mão.

Livrai-me do laço
Oh! meu Santo Antonio, etc.

Dos que olham com tregeitos,
Com artes não sei de que?
Fallando sempre em amores
Meu Santinho, não me dê.

Livrai-me do laço
Oh! meu Santo Antonio, etc

Dos que andam farejando
Casamento com dinheiro
D'esses não porque só querem.
Escrava no captivoiro.

Livrai-me do laço
Oh ! meu Santo Antonio, etc.

Dos beatos moralistas,
Que a tudo chamam indecente,
Cruz, demonio ! Agua salgada !
Deus me livre de tal gente !

Livrai-me do laço
Oh ! meu Santo Antonio, etc.

O meu coração

Eu tenho um bichinho
Do lado de cá,
Que grita, que salta
Ao ver a yá-yá.

Me pula no peito
Chorando ou se rindo,
Ao ver de uma bella
O seu rosto lindo.

E' bicho que mata,
Que rói com furor,
Que bate no peito
Com ancia e ardor.

Só anda saltando
Cá dentro do peito,
E' bicho que ás moças
Já não tem respeito.

Não peguem no bicho
Que pôde morder,
Não tirem do peito
Qu'eu posso morrer.

Yá-yá, tome lá
Meu lindo bichinho,
Mas traga no seio,
E bem guardadinho.

Fugio-lhe o bichinho,
Que pena yá-yá,
E diz que seu peito
Volcão sempre está.

Ninguem faça caso
De tanto calor.
E' peito que queima
Porque tem amor.

Sinhá, tome o bicho,
Porém guarde-o bem,
Que á minha yá-yá
Amor também tem.

Fugio outra vez,
Que forte travesso !
De minha yá-yá
Eu nunca m'esqueço.

Como é o seu nome
P'ra n'elle escrever,
Então, sinházinha,
Não quer me dizer ?

Eu sou seu amor,
Sou seu coração,
Imagem da nossa
Futura união.

Eu sou seu yó-yó
De peito ferido,
Por minha yá-yá
Eu sou derretido.

Receba, sinhá,
O lindo bichinho,
Em troca na mão
Eu dou-lhe um beijinho.

Yó-yó, sim, eu quero
O seu coração,
Mas isto de beijos...
E logo na mão !...

E o que tem isto
Amante yá-yá ?
O que é um beijinho
Na mão de sinhá ?

Vá feito, não quero
Ter nome de á,
Aqui está a mão
Ora beije lá.

Nunca dei beijinhos
Tão bellos, gostosos,
Deixaram-me os beiços
Quentinhos melosos.

Não falle do beijo
Ora veja lá,
Senão perde todo
O amor de sinhá.

Só sabe o que é isto
Quem tem coração ;
Acabe que o resto
Não digo mais não.

Quando eu era pequenino

Quando eu era pequenino,
Que diabinho,
Mas travesso era então ;
Quando as moças me beijavam,
Me abraçavam,
Já lhes dava beliscão...

E brincava com a priminha
Mariquinhas,
Escondido no quintal;
Era tão bom o brinquedo,
Em segredo,
A' sombra do laranjal. . . .

Já beijava-lhe a boquinha
Fechadinha
Como da rosa o botão
E se ao abril-a sorria,
Eu sentia,
Palpitar-me o coração.

Mas hoje como sou grande,
E se expande
Em meu peito mais ardor ;
Já não acho quem me beije,
Quem deseje,
Ou aceite meu amor.

Se a furto beijo a priminha,
Brejeirinha,
Vai dizer tudo a vóvó !
Ouço logo uma raspança. . . .
Que mudança !
Até me falla em cipó.

Assim é, embora eu juro,
E rejuro,
De não dar mais beliscão ;
Se peço um beijo á priminha,
Velhaquinha,
Me responde : — ora, pois não.

Quando penso no passado,
Mal gozado,
Lembra-me um canto que ouvi
E' pura moralidade,
E' verdade,
Nunca mais o esqueci :

« O gallo, emquanto criança,
Tem pitança,
Que lhe dá mimosa mão ;
Depois de velho, coitado,
Alquebrado,
Bate com o bico no chão. »

Mãi benta

Coitadinho, como é tolo
Em pensar que lhe adoro
Por me ver andar chorando,
Sabe Deus por quem eu choro.

Mãi benta, me fia um bolo,
Minhas candongas.
Não posso, Sr. tenente,
Minhas candongas,
Que os bolos são de yá-yá,
Minhas candongas.
Não se fiam a toda gente ;
Minhas candongas,
Porque tem muitos temperos
Minhas candongas,
Assucar, manteiga e cravo,
Minhas candongas,

E outras cousinhas mais,
Minhas candongas,
Bolinbos de qui-lé-lê.
Minhas candongas.
Ponto de admiração,
Minhas candongas,
O' gente Manué,
Minhas candongas,
Está quente, sinhá, bem quente.

Você se anda gabando
Que foi quem me deixou;
Póde ficar na certeza
Que muita cinza levou.
Mãi benta, me fia um bolo, etc.



INDICE

DOS

PRIMEIRO E SEGUNDO VOLUME

Modinhas

Um terno sorriso.....	3
O canto do Cysne.....	4
A despedida.....	5
Um mysterio.....	6
Riso e morte.....	7
Nas horas longas.....	8
Grato mysterio.....	9
Se eu fôra poeta.....	10
Anjo de amor.....	12
O gigante de pedra.....	13
Era outr'ora minha vida.....	13
Qual bate em duro rochedo.....	15
Ô descrido.....	16
Uma ingrata, uma inconstante.....	17
Porque oh! morte cruel.....	18
Ai de mim.....	18
Solidão.....	19
A flor perdida.....	20
E' tão formosa Marilia bella.....	21
O anjo da harmonia.....	22
Sonhei que mil flores.....	24
Vem donzella na hora extrema.....	25
Lembranças da patria.....	26
A estrella.....	27
Eu amo as flores.....	27
Alta noite.....	28
Eu vi teu rosto.....	29
Acorda minha querida.....	31
Quizera ter harpa.....	33
Caso de amor tão fingido.....	34
O teu olhar.....	35
A mulher.....	35
Como a rosa amor dura um só dia.....	37
Despeito.....	38

Recitativos

Teu doce amor.....	39
A transviada.....	40
O sonho no cemiterio.....	42
Scismas do crepusculo.....	46
A revista nocturna.....	48
O canto da virgem.....	50
Minh'alma é triste.....	51

O opulento.....	52
Na alcova.....	54
O perdão.....	56
Mulheres e flores.....	58
Flores d'alma.....	59
Penso em ti.....	61
O taverneiro.....	62
Perdão.....	64
Tudo dança.....	65
Mysterio de amor.....	66
O janota.....	68
Morte d'alma.....	70
Se é crime.....	71
O perdão.....	72
Elmaia.....	73
A Cecy.....	74
Festas de dor.....	75
Julietta.....	75
Estatua da vida.....	76
Rosas brancas.....	77
O sonho.....	78
Peregrina imagem.....	79
Miragem.....	80
O quebra kilos.....	81

Lundùs

O recrutamento.....	83
O tango no-mango.....	85
A velha que quer casar.....	86
A feijoada.....	88
A pombinha de yá-yá.....	90
Borboleta.....	91
Fado brasileiro.....	92
Que d'ellas as chaves.....	93

SEGUNDO VOLUME

Modinhas

Oh! sorte minha cruel.....	97
Frio manto.....	98
Lembranças do nosso amor.....	99
De ti fiquei tão escravo.....	100
Meus gemidos solto em vão.....	101
Não te esqueças Marília de mim.....	102
Depois que te dei minh'alma.....	102
Aceita ó Lucinda.....	103
Amor me vio não fez caso.....	104

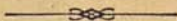
Sonhos fagueiros.....	105
Eu quizera ser eterno.....	106
O sonho.....	107
Supplica.....	108

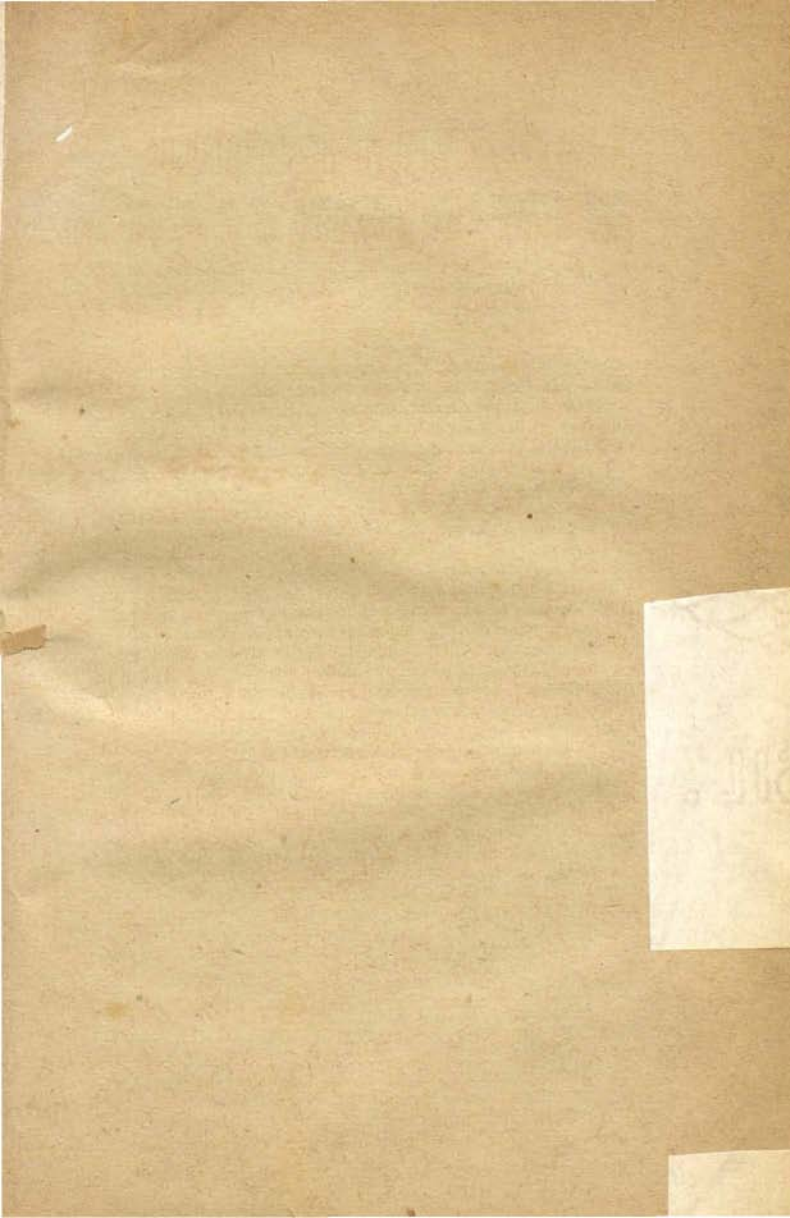
Recitativos

Um teu doce agrado.....	109
Minhas crenças.....	109
A' minha estrella.....	111
Não sei, mas sei.....	112
A joven morena.....	113
Perfumes d'alma.....	114
Venus.....	116
Recor.lação.....	117
Escuta.....	118
Um sonho.....	119
M nh'a'ma é triste.....	122
A judia.....	125
Elvira.....	127
Outr'ora e hoje.....	128
Visão.....	129
A' el'a.....	133
Outr'ora.....	134
A tarde.....	135
E' curta a vida.....	136
Eu amo.....	137
Amor e medo.....	138
Miragem.....	140
Perdão.....	142

Lundús

A marrequinba.....	143
E' bem bom não dóe nem nada.....	114
O gatinho.....	146
Os olhos de yá-vásinha.....	147
Gentis você já vio já.....	148
Lundú das moças.....	149
O meu coração.....	151
Quando eu era pequenino.....	154
Mái benta.....	156





EXTRACTO DO CATALOGO

DAS EDIÇÕES DA LIVRARIA DE J. G. DE AZEVEDO

33 RUA DA URUGUAYANA 33

AMOR pelos cabellos, scena comica.	\$200
BIBLIOTHECA brasileira (romance e poesias) 6 vol.	3\$000
CANTOS do fim do seculo por Sylvio Romero, 1 vol.	1\$000
CODIGO do casamento, 1 vol.	\$400
CONSELHEIRO dos amantes (cartas amorosas para ambos os sexos) 1 vol.	1\$000
CONFERENCIA do Dr. Vicente de Souza — O Imperio e a escravidão —, 1 vol.	\$500
CODIGO dos Jesuitas, contendo a monita secreta desta celebre sociedade, 1 vol.	\$500
DICCIONARIO das flores ou manual dos namorados, 1 vol.	\$500
DESPEDIDA de João Brandão, 1 vol.	\$500
DOCEIRA Domestica (a) ou colleção de receitas, pela maior parte novas, de doces, podins, tortas, conservas, pasteis, licores, etc., por D. Anna Corrêa, 3ª edição, 1 vol.	3\$000
FESTA (a) e a Caridade e Doida de Albano (poesias) 1 vol.	\$200
HISTORIA de um marinheiro, seguida da canção do marujo, scena comica, 1 vol.	\$200
JUDIA (a) Noivado do Sepulchro (recitativos) 1 vol.	\$200
LIVRO dos sonhos com a explicação, 1 vol.	\$500
LYRA do Trovador (modinhas e recitativos) 1 vol.	1\$000
MEMORIA sobre o emprego do sulphato de Quimino, pelo Dr. João Francisco de Souza, 1 vol.	\$600
MEU Amigo Banana, scena comica, 1 vol.	\$200
MORGADINHA de Val-Flor, drama em 5 actos, por Pinheiro Chagas, 1 vol.	2\$000
COZINHEIRO MODERNO, contendo uma colleção de mais de 1,500 receitas usuaes, facéis e economicas, 1 vol.	4\$000
ORADOR MODERNO ou thesouro de discursos familiares, 1 vol.	1\$ 00
SILVEIRA CALLADO, colleção de artigos de propaganda republicana, 1 vol.	\$500
SOUZA REGO, Diccionario do Doceiro Brasileiro, contendo milhares de receitas pela maior parte novas, 1 gr. vol.	4\$000
DIAS DA SILVA, Thesouro da Mãe de Familia, em conselhos e receitas uteis, 1 vol.	2\$0 0
SERÕES Fluminenses, a melhor colleção de recitativos modernos até hoje publicada, 4ª edição, 1 vol.	1\$000
TROVADOR Brasileiro (modinhas, etc.,) 1 vol.	\$500